

ALINE DE OLIVEIRA RODRIGUES

**SIGNIFICADOS DO TRABALHO FEMININO PARA TRABALHADORAS DE
UMA LAVANDERIA COMUNITÁRIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

R696s
2016
Rodrigues, Aline de Oliveira, 1991-
Significados do trabalho feminino para trabalhadoras de
uma lavanderia comunitária / Aline de Oliveira Rodrigues. –
Viçosa, MG, 2016.
viii, 97f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.77-84.

1. Mulheres - Emprego. 2. Trabalho e família. 3. divisão do
trabalho por sexo. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Economia Doméstica. Programa de
Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22. ed. 305.4098151

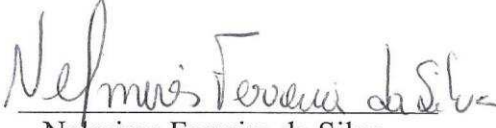
ALINE DE OLIVEIRA RODRIGUES

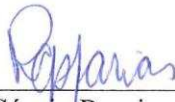
**SIGNIFICADOS DO TRABALHO FEMININO PARA TRABALHADORAS DE
UMA LAVANDERIA COMUNITÁRIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 17 de março de 2016.


Karla Maria Damiano Teixeira


Nelmiros Ferreira da Silva


Rita de Cássia Pereira Farias
(Orientadora)

Dedico este trabalho a todas as mulheres, que mesmo compartilhando de experiências de vida distintas, são sempre fonte de inspiração. Em especial as mulheres que trabalham na ALASTE.

AGRADECIMENTOS

Viver é uma arte que exige participação de diversas pessoas, nunca estamos sós, por isso, ao realizar esta conquista o sentimento de gratidão é imenso, pois sem vocês esta vitória não teria se tornado realidade.

Primeiramente agradeço a Deus, por me permitir entender que sem sua Presença esta vitória não se fundamentaria. Obrigada por me conduzir e conceder a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus pais que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Obrigada pela confiança em mim depositada. A minha irmã, Olívia por compartilhar comigo todos os momentos.

João Paulo, obrigada pela compreensão, paciência e puxões de orelha, seu incentivo e ajuda nessa trajetória foram primordiais, sua companhia e amor foram meu amparo nesta jornada.

Agradeço de forma muito especial, a minha orientadora Rita de Cássia Pereira Farias. Obrigada por ter me aceitado como orientanda. Seus ensinamentos, paciência, atenção, correções e críticas foram determinantes para minha formação. Agradeço por compartilhar comigo seu precioso saber durante esses anos.

Aos amigos conquistados em Viçosa, minha eterna gratidão. Agradeço de forma muito especial as amigas Aline, Clara, Érika e Nádia que tornam minha caminhada mais serena. Levarei vocês sempre comigo.

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro, à Universidade Federal de Viçosa/UFV, por ter me recebido como estudante e aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica, que de formas e em medidas diferenciadas tornaram-se meus companheiros durante esta trajetória.

Agradeço a prefeitura municipal de Muriaé, na pessoa da Sirlene Calais, pelo apoio concedido para a realização desse trabalho. Às lavadeiras da ALASTE, que oportunizaram a realização desta pesquisa, sem o consentimento de vocês esse sonho não teria se realizado.

Em fim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a minha formação, o meu mais sincero obrigada.

“E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho, por mais que pense estar.” (Caminhos do Coração- Gonzaguinha)

BIOGRAFIA

Aline de Oliveira Rodrigues, filha da Alcinea Oliveira Rodrigues e Moisés Rodrigues, nasceu em Santa Margarida, Minas Gerais, no dia 01 de abril de 1991.

Cursou o ensino fundamental na Escola Municipal Májolo Costa Machado, na qual teve a oportunidade de realizar simultaneamente o curso de técnico agrícola.

Concluiu o ensino médio no Colégio Equipe de Rio Casaca, Minas Gerais, em novembro de 2008.

No ano de 2009 ingressou no curso de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, concluindo a graduação em março de 2014. Foi bolsista de iniciação científica no período de agosto de 2010 a fevereiro de 2011, e posteriormente no período de março de 2011 a fevereiro de 2012.

Em 2012 ingressou como bolsista do Programa de Educação Tutorial em Economia Doméstica (PET/ECD), permanecendo até o término da graduação.

Em março de 2014 ingressou no Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica como estudante de mestrado. Voltou seus estudos para a área de concentração “Família e Sociedade”, atuando na linha de pesquisa “Trabalho, Consumo e Cultura”.

Em 17 de março de 2016, encerrando um ciclo de sua jornada como estudante e pesquisadora, formalizou a defesa de sua dissertação, obtendo o título de Magister Scientae em Economia Doméstica.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS | vi |
| RESUMO | vii |
| ABSTRACT..... | viii |
| | |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| Objetivos | 10 |
| A Construção do objeto de estudo..... | 11 |
| Percurso Metodológico | 13 |
| Vivências na pesquisa de campo | 21 |
| Organização da Dissertação | 25 |
| | |
| CAPÍTULO 1 DESCORTINANDO O CAMPO INVESTIGATIVO | 27 |
| 1.1 A implantação da Lavanderia..... | 27 |
| 1.2 Estrutura física e de pessoal da lavanderia..... | 30 |
| 1.3 A rotina de trabalho na lavanderia | 34 |
| 1.4. A ALASTE é realmente uma associação? | 36 |
| | |
| CAPÍTULO 2 CONHECENDO O GRUPO E SUAS PARTICULARIDADES | 42 |
| 2.1 Um breve relato sobre os sujeitos e suas histórias | 42 |
| 2.2 Caracterização Social das Lavadeiras da ALASTE | 47 |
| 2.3 Aprendizagem do ofício de lavadeira..... | 49 |
| | |
| CAPÍTULO 3 GÊNERO, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E TRABALHO FEMININO | 55 |
| 3.1 Gênero e Trabalho..... | 55 |
| 3.2. O fator temporalidade na conjugação do trabalho produtivo e reprodutivo..... | 63 |
| 3.3. Menosprezo pelo doméstico..... | 66 |
| | |
| CONCLUSÕES..... | 73 |
| REFERÊNCIAS | 77 |
| APÊNDICES..... | 85 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALASTE - Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CNPS – Conselho Nacional de Previdência Social.

CSU – Centro Social Urbano.

DED – Departamento de Economia Doméstica.

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

EPI's – Equipamentos de Proteção Individual.

FUNDARTE – Fundação de Cultura e Artes de Muriaé/MG.

OIT – Organização Internacional do Trabalho.

ONU – Organização das Nações Unidas.

RGPS – Regime Geral de Previdência Social.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas.

UFV – Universidade Federal de Viçosa.

RESUMO

RODRIGUES, Aline de Oliveira, M.sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2016. **Significados do trabalho feminino para trabalhadoras de uma lavanderia comunitária.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

Esta dissertação analisa os aspectos sociais e simbólicos do trabalho feminino realizado em uma lavanderia comunitária do município de Muriaé/ MG. Na problematização do trabalho das lavadeiras, foram investigadas as nuances e os significados de que se reveste o trabalho feminino, atendo-se às construções de gênero marcadas pela divisão sexual do trabalho. Na discussão do trabalho na lavanderia como um marcador de classe, destacou-se a temporalidade envolvida na articulação das atividades exercidas dentro e fora dos lares, desvelando as estratégias a que as mulheres recorrem para conjugar trabalho produtivo e reprodutivo em seu cotidiano laboral e familiar. Os dados oriundos da pesquisa de campo, na qual se recorreu à observação participante e entrevistas semi-estruturadas, possibilitaram caracterizar socialmente os sujeitos da pesquisa, destacando aspectos ligados ao tipo de trabalho realizado, a trajetória das mulheres e seus modos de vida, a aprendizagem do ofício de lavadeira, os significados do trabalho, além das estratégias e redes sociais que possibilitaram conjugar trabalho doméstico e trabalho remunerado. Os dados foram analisados a partir da análise descritiva. Os resultados indicaram que os fatores determinantes na escolha pelo trabalho na lavanderia foram à reduzida carga horária trabalhada, a proximidade com as residências e a não exigência de escolaridade. Apesar do trabalho na lavanderia ser compreendido como algo importante na vida das mulheres, a pesquisa apontou para uma insatisfação com o ambiente de trabalho, decorrente dos conflitos vivenciados, além do cansaço decorrente da dupla ou tripla jornada de trabalho. Mesmo exercendo trabalho remunerado fora dos lares, o trabalho doméstico familiar continua sendo atribuição das mulheres, visto como inerente ao universo feminino. Quanto às perspectivas para o futuro, algumas delas almejam alcançar melhores oportunidades de trabalho, mas enfrentam limitações decorrentes da baixa escolaridade. Diante dessa realidade, elas projetam nos filhos e netos os sonhos de um futuro melhor.

ABSTRACT

RODRIGUES, Aline de Oliveira, M.sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2016. **Meanings of female labor for the working women in a communal laundry.** Adviser: Rita de Cássia Pereira Farias.

This thesis analyzes the social and symbolic aspects of women's work in a community laundry in Muriaé/MG. Questioning the work of washerwomen, we investigated the nuances and meanings that it takes women's work, sticking to gender-buildings marked by the sexual division of labor. Discussing work in the laundry as a class marker, stood out the temporality involved in the coordination of activities carried out within and outside home, revealing the strategies that women resort to combine productive and reproductive work in their everyday work and family. The data from the qualitative research, which appealed to the participant observation and semi-structured interviews, allowed to characterize socially the subjects, focusing on aspects linked to the type of work performed, the trajectory of women and their ways of life, craft learning washerwoman, the meanings of work, in addition to the strategies and social networks that allowed to combine domestic work and paid work. Data were analyzed from the descriptive analysis. The results indicated that the determining factors in choosing the work in the laundry were: reduced workload, proximity to residences and no requirement for education. Despite the work in the laundry be understood as something important in the lives of these women, the research pointed to a dissatisfaction about the working environment, due to the current conflicts in the group, in addition to fatigue due to double or triple workday. Even exercising paid work outside home, the family domestic work remains assignment of women, seen as inherent to the female universe. About the prospects to the future, some of them aim to achieve better work opportunities, but they face some limitations like illiteracy or low educational level. Given this reality, they project to their children and grandchildren a better future than they have had.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata-se de uma análise sobre o trabalho feminino realizado em uma lavanderia comunitária, denominada ALASTE – Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha de Muriaé/MG, no qual busquei compreender as inter-relações estabelecidas entre trabalho remunerado e atividades domésticas.

A construção do objeto de estudo se iniciou em 2012, quando conheci a lavanderia, através de uma parceria estabelecida entre o Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa e EMATER de Muriaé. O principal objetivo dessa parceria foi realizar um mapeamento com as principais necessidades e demandas da lavanderia, bem como oferecer cursos de capacitação para as futuras integrantes do grupo. Durante todo o processo de mapeamento e capacitação estive envolvida nas atividades, ficando mais próxima da realidade das mulheres e do trabalho por elas desenvolvido. Ao longo da graduação estive envolvida com as pesquisas intituladas: “Divisão sexual do trabalho e produção artesanal como proposta para repensar políticas públicas” e “Aspectos legais e simbólicos para repensar redes sociais”, no qual tive a oportunidade de conhecer um pouco a respeito de temas como gênero, trabalho feminino e divisão sexual do trabalho. Nesse sentido, vislumbrei na ALASTE a continuação desses estudos, que tanto me inquietavam. Este foi um trabalho que priorizou um público que socialmente é considerado vulnerável, enfatizando a invisibilidade assumida por essas mulheres.

Nas diferentes sociedades são impostas condutas distintas para meninos e meninas. Desde muito cedo ou mesmo antes do nascimento as crianças são balizadas por ações e comportamentos estabelecidos pelas diferenças físicas e biológicas atribuídas a cada sexo. “As diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos distintos na sociedade” (Romero, 1994. p.226). Contudo, essas condutas e ações contribuem para que as desigualdades sejam instauradas, e quase sempre as mulheres ficam em desvantagem.

Nesse sentido, as construções sociais de gênero cooperam para a ampliação das desigualdades entre homens e mulheres, percebe-se nas relações familiares, nos postos de trabalhos, na vida em sociedade ou mesmo na academia que as disparidades entre os sexos são constantes, e quando trazidas para o campo do trabalho e dos ofícios ligados ao ambiente doméstico essas disparidades parecem ainda mais evidentes. Assim, o

trabalho desenvolvido na lavanderia, sendo eminentemente feminino, faz eco às construções históricas de gênero que reverberam nas diferentes instâncias da sociedade.

Nessa perspectiva, as construções sociais de gênero ao longo da história, proporcionaram uma posição marginal das mulheres no mercado de trabalho formal, atuando como mercado de reserva justificado pela fragilidade, perigos de envolvimento com a prostituição, cujos discursos apontavam que o lugar social das mulheres era no lar, dedicando-se ao trabalho com a casa e os filhos (RAGO, 1998).

Não se pode negar a dominação masculina exercida sobre as mulheres. Bourdieu (2003), em suas discussões destaca que as relações de poder estabelecidas entre os sexos são naturalizadas, como se masculino fosse sinônimo de poder e feminino de subordinação. Esse autor evidencia como o exercício do poder masculino se mascara nas relações sociais e familiares, se colocando como algo permanente e imodificável.

Apesar dos discursos que naturalizam o poder exercido sobre as mulheres, trabalhos de diversas feministas brasileiras e estrangeiras, como Margareth Rago, Michelle Perrot, Elizabeth Lobo, para citar algumas, têm buscado desnaturalizar as diferentes formas de dominação masculina exercidas sobre as mulheres. Em suas análises, apontam que não existe uma condição natural que impeça o acesso das mulheres ao mercado formal de trabalho ou que justifique a dominação. Mostram que a exclusão e a dominação são construções sociais que se afirmam de diferentes formas em diferentes contextos.

Amparando-se no trabalho desenvolvido por diferentes feministas ao longo dos anos, Picitelli (2002, p. 9) menciona que: “às diversas correntes do pensamento feminista afirmaram a existência da subordinação feminina, mas questionaram o suposto caráter natural dessa subordinação”. Essa autora constatou que a subordinação é decorrente da maneira como a mulher foi construída socialmente, evidenciando que, o que foi construído pode ser modificado.

Nesse sentido, acredito que as concepções femininas ligadas à inferioridade, fragilidade, vulnerabilidade e subordinação podem ser modificadas. O movimento feminista é prova de que essas concepções podem ser alteradas, pois as lutas incessantes pelo acesso das mulheres ao mercado de trabalho e aos espaços sociais já proporcionaram mudanças, com ingresso das mulheres na política e espaços de poder. Muitas transformações envolvendo a inserção feminina no mundo social foram

ocorrendo, proporcionando alterações significativas nas relações sociais e no cotidiano das mulheres.

Porém, apesar das mudanças, ainda são grandes as desigualdades entre homens e mulheres, sendo que as ligadas ao mundo do trabalho mais recorrentes (FARIAS, 2012; RAGO, 1998). Neste contexto em que as divergências entre os gêneros permanecem intensas, acredito na importância de pesquisas que coloquem as mulheres em evidência, destacando seu protagonismo social, principalmente daquelas de camadas populares, onde as exclusões são mais explícitas. O trabalho desenvolvido na lavanderia colocou ênfase em questões que perpassam pelas desigualdades sociais, além da percepção a cerca dos debates envolvendo as questões de gênero. A realização desta pesquisa proporcionou o reconhecimento da condição de exclusão a qual mulheres pobres e não alfabetizadas são submetidas.

O uso do termo protagonismo social, busca confirmar o papel expressivo desempenhado pelas mulheres, que evidencia ações referentes às lutas, reivindicações e conquistas, apontando para uma busca constante, com o intuito de reduzir as desigualdades entre homens e mulheres.

Assim, com esta pesquisa, procurei desvelar o papel e o valor social de mulheres que atuavam como lavadeiras na ALASTE, compreendendo a relevância social destas mulheres, os significados e práticas elaborados em torno desse ofício, além de elucidar as estratégias que possibilitaram conjugar trabalho remunerado e trabalho doméstico.

Essa proposta justificou-se a partir de um estudo divulgado, em 2012, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) que informou que os homens trabalhavam, em média, 43,4 horas por semana no mercado de trabalho e outras 9,5 horas em casa, perfazendo uma jornada semanal de 52,9 horas. Já as mulheres tinham uma jornada total de 58 horas semanais, sendo 36 horas no mercado formal de trabalho e 22 horas em casa. As implicações da dupla jornada de trabalho acometem, na maioria das vezes, as mulheres já que a sociedade delegou a elas a responsabilidade pelo trabalho doméstico não remunerado que ocorre no espaço doméstico.

Cruz (2006) argumentou que as trajetórias de socialização de homens e mulheres, na família e no mundo do trabalho implicam na ocupação diferenciada dos espaços, privado e público, em especial, dos espaços da casa e de trabalho. Dialogando com este autor BRUSCHINI (1989) alegou que diferente do que ocorre com os homens, a participação feminina na condição social, não se define apenas pelas condições de

mercado, emprego ou pelo nível de desenvolvimento da sociedade, mas também pelo papel desempenhado dentro das famílias e pela classe social à qual esta família pertence. (BRUSCHINI, 1989, p.8). Segundo esta autora, a compreensão da participação da mulher no mercado só será efetivada quando esses aspectos forem levados em consideração.

Dessa forma, percebeu-se que as condições das mulheres pobres costumam ser mais debilitadas, pois frequentemente elas não têm condições econômicas para pagar a alguém que possa fazer os trabalhos domésticos. Regularmente precisam recorrer a redes de apoio familiar e comunitário que colaboram com a realização do trabalho seja este na esfera pública ou privada. Como na maioria dos casos os serviços domésticos ficam sobre sua responsabilidade, essas mulheres acabam enfrentando uma dupla ou tripla jornada de trabalho para que haja manutenção de suas famílias e também para que possam atuar no mercado de trabalho formal.

Os “Objetivos do Milênio” propostos pelas Nações Unidas em 2000 colocou em pauta questões que estavam a desafiar a vida no nosso planeta. Um desses desafios relacionava-se a igualdade entre os sexos e à valorização da mulher, a proposta era eliminar a disparidade entre os sexos no ensino em todos os níveis, no mais tardar até 2015. No entanto esse objetivo não foi alcançado na íntegra.

Passaram-se 15 anos e novamente esse desafio foi colocado como um objetivo a ser alcançado até o ano de 2030. Firmado como quinto objetivo, o alcance da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas, se tornou novamente uma inquietação mundial. A inclusão desse objetivo dentre tantos outros, reforça a importância de temas relacionados às desigualdades de gênero. Perceber a igualdade de gênero e a valorização da mulher em debates mundiais, evidência os avanços atingidos, e certificam a necessidade de muitas outras transformações envolvendo os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

Em entrevista (2016), a representante da ONU (Organização das Nações Unidas) Mulheres no Brasil, Nadine Gasman, disse que a igualdade de gênero é uma questão de justiça e que se as condições em que vivemos forem mantidas a igualdade, tão almejada, só ocorrerá daqui a oitenta anos. Para ela:

Quanto mais as mulheres se sobrecarregam com cuidados familiares e administração dos lares, menos chances têm de se dedicar a setores da vida que lhes interesse. Estamos falando de ajustes que precisam ser feitos com base na justiça. O empoderamento das mulheres é viável com a consciência

sobre os seus direitos, e com uma sociedade engajada em mudar estruturas que fortalecem o poder dos homens às custas dos sacrifícios e de violações de direitos de gerações de mulheres (GASMAN, 2016).

Dedecca (2004) evidenciou em estudo realizado a grande diferença percentual que existe entre homens e mulheres no que se refere à dedicação com as atividades relacionadas ao ambiente familiar. Percebeu-se que as mulheres despendem muito do seu tempo para essas atividades, enquanto que os homens dedicam uma parcela potencialmente menor, dessa maneira torna-se perceptível o uso desigual do tempo e o desprestígio em relação aos afazeres domésticos.

As informações relacionadas apontaram para uma questão relevante, a sobrecarga atrelada à dupla jornada de trabalho exercida pelas mulheres, e a conseqüentemente diminuição das possibilidades de inserção em outras atividades. Essa foi também uma questão de análise nesse estudo, visto que compreender como se dá a articulação entre trabalho realizado no âmbito doméstico e no meio público foi uma das inquietações. Procurei apreender as estratégias utilizadas para balizar as diferentes atividades, bem como compreender a distribuição do seu tempo. Dessa forma, a temporalidade foi um item analisado, a fim de proporcionar maior entendimento das construções sociais que alimentam os sentidos do trabalho remunerado e de reprodução familiar para estas mulheres.

Entender o papel social de mulheres que trabalham em uma lavanderia comunitária, bem como os significados e práticas em torno desta atividade foi necessário para que as construções sociais de gênero e a divisão sexual do trabalho fossem colocadas em debate, estas variáveis contribuíram para a inteligibilidade das persistentes assimetrias de gênero que se manifestam de diferentes formas nos distintos espaços da sociedade.

As diferentes atividades exercidas pelas mulheres sejam estas domésticas ou não, são permeadas por discursos que apontam para a inferioridade feminina. Diferentes estudos, como os realizados pela Relação Anual de Informações Sociais (2013) e pelo TEM - Ministério do Trabalho e do Emprego (2015) demonstraram as disparidades enfrentadas pelas mulheres, principalmente ao menor número de vagas ocupadas no mercado de trabalho e aos menores salários recebidos. Dados da previdência social, apresentados na primeira reunião do Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) em 2016, mostraram que as mulheres representavam um total de 56,7% do total de beneficiários do RGPS, enquanto os homens somavam 41,7%, mas apesar de ser

maioria, o valor dos benefícios destinados ao público feminino era menor do que o total pago aos homens. O economista responsável explicou que essa ainda é uma realidade no mercado de trabalho, no qual as mulheres ganham menos que os homens.

A construção da inferioridade feminina pode ser percebida em diferentes segmentos, como por exemplo, o reduzido número de mulheres atuantes nos partidos políticos ou em relação à menor ocupação feminina em cargos de chefia e gerência, por exemplo. Apoiando-me nos dizeres de Ribeiro (2011), percebo uma permanente autoridade masculina sobre a mulher, sendo esta diminuída, controlada, e colocada em papéis coadjuvantes em nossa sociedade. Dessa forma, existe a necessidade de compreensão das diferentes construções que possibilitam criar e recriar os significados do trabalho feminino, bem como, desvelar as implicações destes na vida das mulheres em estudo.

No contexto das discussões relacionadas, procuro problematizar as construções de gênero e os significados atribuídos ao trabalho feminino a partir da percepção das próprias mulheres. O intuito foi compreender os significados das atividades desempenhadas dentro e fora dos lares. Para desvelar as nuances que assume o trabalho feminino de produção e reprodução social, as discussões que norteiam este trabalho pautaram-se na perspectiva de que, apesar das diferenças de gênero e dos obstáculos impostos socialmente às mulheres, o trabalho realizado na lavanderia possibilitou a inserção social. Através das relações sociais construídas no ambiente de trabalho, do aumento da renda familiar, da maior liberdade financeira, da possibilidade de sair de casa e também através do reconhecimento social e familiar que o ingresso no mercado de trabalho ofereceu, esta oportunidade de trabalho possibilitou que as mulheres se sentissem importantes dentro do contexto familiar.

Além disso, ao ingressarem na lavanderia, elas passaram a ter acesso à renda¹ e também estabeleceram relações sociais nas quais trocas de conhecimento, amizade, acordos, informações, conflitos, conversas e o convívio em grupo passou a fazer parte de seu cotidiano, ampliando seu capital social, que de acordo com Bourdieu (1998) pode ser entendido como os diferentes recursos que algumas redes de contatos podem

¹ Na ALASTE, o dinheiro gerado através do trabalho das lavadeiras era utilizado para pagamento de custos com produtos de limpeza e manutenção. O restante era dividido entre as mulheres, porém se existisse falta sem justa causa o valor era descontado do total a ser recebido. Elas recebiam todos os meses, porém não existia um salário fixo, visto que a renda variava de acordo com a produção mensal.

gerar para os indivíduos vinculados, sendo esses portadores de características comuns. Esse tipo de capital se associa principalmente as práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos e pelo grupo ao qual está vinculado.

O conceito de capital social tem como pressuposto a ideia de que a participação em grupo e o envolvimento das pessoas podem contribuir de forma positiva tanto para o indivíduo quanto para o grupo, como foi percebido entre as mulheres que trabalhavam na Associação de Lavadeiras de Muriaé.

Algumas abordagens realizadas através da releitura de Bourdieu (1998) como as de Neves (2009) mostram que o capital social é um atributo individual que permite o acesso a recursos diferenciados, ou seja, nem sempre são de natureza meramente econômica, mas podem ter relação com outros tipos de capital como, por exemplo, o capital simbólico e o capital cultural. Essas ligações não se reduzem às relações objetivas de proximidade no espaço geográfico ou mesmo no espaço social, mas se fundamentam em trocas materiais e simbólicas cuja prática supõe o reconhecimento dessa proximidade. (Neves, et al. 2009).

No que se refere aos aspectos envolvendo as abordagens de gênero, foi perceptível que esse é um fator determinante no alcance de algumas oportunidades, tais como, o acesso à cidadania, através do emprego, das condições de trabalho, remuneração e proteção social que podem ser vivenciadas pelos indivíduos e suas famílias. Apesar de todas as construções em torno da fragilidade feminina e as barreiras enfrentadas socialmente ao longo dos anos, as conquistas e mudanças envolvendo a inserção da mulher no mundo social foram muitas. Castells (2002) afirma que “Entre as décadas de 1960 e 1980 o trabalho da mulher se restringia ao lar”, contudo, essa realidade foi se modificando, e em muitas situações a mulher passou a ser a principal responsável pela manutenção da casa e de seus integrantes. Essas mudanças proporcionaram a elas, exercer não só a função de mãe e esposa, mas possibilitou o ingresso no mercado de trabalho. Porém, o que nos é perceptível é o fato dessas conquistas não terem destruído por completo as disparidades entre os sexos.

Não podemos nos esquecer que essas desigualdades são baseadas em um modelo de organização social patriarcalista. O Brasil é um país no qual a sociedade foi montada e organizada sobre este modelo, portanto não podemos acreditar na erradicação das desigualdades estabelecidas entre os sexos caso não exista uma reestruturação desse modelo. Não podemos partir do pressuposto de que os conflitos entre homens e

mulheres vão terminar quando o posicionamento sexista do homem se alterar. Essas são questões amplas dentro da história da nossa sociedade, nascemos e crescemos sobre o modelo patriarcalista e lamentavelmente este ainda se faz fortemente presente no século XXI.

As lutas travadas pelo movimento feminista no século XIX tiveram e ainda tem grande relevância para a mudança no cenário construído em relação ao mercado de trabalho feminino. Durante o século XIX e XX as mulheres não podiam se envolver com questões políticas e sociais eram reclusas ao espaço doméstico, dedicando-se ao cuidado dos filhos, da casa, do marido e respeitando permanentemente as ordens masculinas, não possuíam qualquer envolvimento com questões que ultrapassavam o ambiente doméstico, não podiam expressar opiniões. Como argumenta Perrot (1988), as mulheres eram uma leve sombra no teatro da memória, sendo reduzidas a meros acessórios da vida masculina.

Com o intuito de promover transformações nesse cenário, o movimento feminista deu início à construção de muitas modificações para a vida feminina. Para Scott (1992), a emergência da história das mulheres acompanhou as campanhas femininas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história, porém, esse processo não ocorreu de forma apenas a acrescentar algo que estava faltando na história, foram necessárias muitas batalhas para a concretização de alguns direitos femininos, um exemplo foi o direito ao voto, que no Brasil foi garantido apenas em 1932 às mulheres.

Coelho (apud Aun et. al., 2006), diz que, mesmo existindo diversas mudanças, envolvendo a representatividade feminina a questão da desigualdade de gênero ainda não foi extinta, mas sim repensada. Assim sendo, torna-se necessário colocar em evidência as questões referentes ao lugar ocupado pelas mulheres tanto nas relações familiares como, nas relações sociais de trabalho, para que haja a articulação e o debate dessas reconsiderações a respeito do lugar social das mulheres, reconhecendo e evidenciando os valores femininos.

Diante das argumentações apresentadas, compreender as especificidades de gênero e tempo ligadas à articulação das atividades exercidas pelas mulheres, dentro e fora de seus lares foi um dos pilares desse trabalho. Questionamentos relacionados à trajetória de vida dentro da ALASTE, razões que levaram a busca por uma vaga na lavanderia, os sentidos atribuídos ao trabalho realizado, a relação entre os sentidos

atribuídos ao ofício de lavadeira e as construções sociais do que é ser mulher, a realização pessoal, a importância do trabalho, as implicações de se inserir em uma atividade remunerada e as estratégias utilizadas para articular trabalho doméstico e familiar como o trabalho na lavanderia foram pontos de partida para a discussão realizada.

Confio na possibilidade de mudanças positivas a partir desse trabalho. Acredito que as reflexões e debates aqui construídos possam servir de base para a elaboração de novos conhecimentos e também possam auxiliar na elaboração de políticas públicas e sociais, que evidenciem a importância da desnaturalização das construções envolvendo o lugar ocupado pela mulher.

Objetivos

Objetivo Geral

Discutir sobre os significados e práticas de que se reveste o trabalho feminino em uma lavanderia comunitária, destacando as especificidades de gênero e de temporalidade presentes na articulação das atividades exercidas pelas mulheres, dentro e fora dos lares.

Objetivos específicos

- Caracterizar socialmente os sujeitos da pesquisa e seus familiares, destacando seus modos de vida;
- Compreender a trajetória de vida das mulheres em estudo, destacando as especificidades ligadas à aprendizagem do ofício de lavadeira;
- Identificar as estratégias e redes sociais que possibilitam conjugar trabalho doméstico não remunerado e trabalho remunerado
- Compreender em uma perspectiva de gênero, como a categoria temporalidade possibilita conjugar o trabalho produtivo e o reprodutivo.

A Construção do objeto de estudo

Em 2011 a extensionista de bem estar social da EMATER de Muriaé, Aurea Alice Campos, realizou contato com o departamento de Economia Doméstica- DED da Universidade Federal de Viçosa/UFV, com o intuito de estabelecer uma parceria entre a prefeitura de Muriaé e o DED/UFV, para que este oferecesse capacitação profissional às novas lavadeiras para a recomposição do quadro de funcionários. Como resultado desse contato, foi organizada uma visita técnica com os estudantes da disciplina Gestão em Unidades de Processamento de Roupas Hospitalares, na qual as estudantes e professoras do curso de Economia Doméstica puderam conhecer a ALASTE e entender como funcionava a lavanderia.

Logo após esta visita, ficou acordado que o departamento de Economia Doméstica realizaria cursos de capacitação profissional para as lavadeiras e que antes de oferecer os cursos, o DED realizaria uma pesquisa que constava de entrevistas e observações para levantamento das demandas e necessidades do grupo. Este trabalho foi realizado por uma professora substituta do citado departamento e por algumas estudantes. Neste período trabalhei com a professora e as demais estudantes. Após identificarmos as principais demandas, trabalhamos na elaboração dos cursos. Nessa ocasião, ofereci alguns cursos e colaborei com os demais. Os cursos ministrados abordaram aspectos relacionados ao atendimento ao cliente, relacionamento com os colegas de trabalho, normas da lavanderia, processos de higienização das roupas, utilização de equipamentos de proteção individual - EPI's, higiene pessoal e do ambiente de trabalho. A pesquisa e intervenção ocorreram nos anos de 2011 e 2012.

O oferecimento de cursos e oficinas na ALASTE despertou em mim o interesse em pesquisar as singularidades desse grupo eminentemente feminino, de classe baixa e que realizava um trabalho pouco valorizado socialmente: lavar roupas ².

² A expressão lavar roupas merece destaque visto que, por vezes nossos corpos e as funções por ele assumidas podem assumir distintas identidades e, por conseguinte despertar estigmas e preconceitos pela sociedade. O trabalho desenvolvido por Costa, (2004), por exemplo, mostra exatamente como estas identidades e estigmas atribuídos aos corpos podem contribuir para que os homens e seus corpos se tornem invisíveis diante da sociedade. Este psicólogo se dedicou durante 10 anos a uma pesquisa para a qual vestiu o uniforme de gari e varreu as ruas junto aos garis da cidade universitária de São Paulo. Durante a realização desta atividade percebeu o quanto estes profissionais eram estigmatizados e esquecidos pela sociedade, tornando-se literalmente invisíveis. Mesmo sendo estudante universitário e conhecido por todos, ao se colocar como gari, as pessoas sequer percebiam sua presença ou mesmo seu trabalho. Acredito que o trabalho de lavar roupas e tantos outros ligados ao ambiente doméstico, possam ser compreendidos como invisível, como abordado pelo autor.

Mesmo existindo minha colaboração nas atividades desenvolvidas durante o ano de 2012, apenas duas das integrantes recordaram do envolvimento da UFV com a lavanderia. Recapitularam a ocorrência do curso, no entanto não fizeram ligação dele com minha presença, apenas duas delas disseram lembrar vagamente do período em que eu estive presente.

Como já mencionado o envolvimento com as pesquisas intituladas: “Divisão sexual do trabalho e produção artesanal como proposta para repensar políticas públicas” e “Aspectos legais e simbólicos para repensar redes sociais”, proporcionaram a aproximação com as discussões referentes a gênero, trabalho feminino e divisão sexual do trabalho. Assim o interesse seu deu principalmente em função de alguns temas que me acompanharam durante a graduação. Percebi na ALASTE a oportunidade de ampliação dos meus conhecimentos nas temáticas que me chamaram a atenção durante a formação em Economia Doméstica, e que a meu ver são tão caras ao curso e a profissão.

A ALASTE tem sua sede na Rua Bicas do Bairro Santa Terezinha de Muriaé, MG. Esse é um bairro situado na periferia desse município. Relatos da FUNDARTE – Fundação de Cultura e Artes de Muriaé evidenciaram que a vinda de trabalhadores rurais para Muriaé, por volta dos anos de 1941 em busca de empregos e melhores condições de vida, deram origem ao então bairro, que cresceu de maneira desordenada nas proximidades do bairro Porto. A constituição desse bairro se deu principalmente por uma população pobre e que necessitava de muitos recursos, foi perceptível durante a pesquisa que essas características ainda marcam a população desse local. Esse é um bairro residencial, que oferece diversos serviços à comunidade, como escolas, postos de saúde, supermercados, creche, padarias, lojas, casa de material de construção, bares, igrejas, lavanderia, dentre outros.

Ainda segundo informações da Fundarte, “o bairro Santa Terezinha é um dos bairros mais culturais da cidade”, esse bairro possui várias manifestações como é o caso da Escola de Samba Santa Terezinha, uma das mais tradicionais da cidade e o Grupo Folclórico da Shirley que se apresenta em Muriaé e em diversas cidades da região. Mesmo existindo grupos que se dedicam ao lazer e ao resgate cultural, as mulheres que trabalham na lavanderia deixaram evidente em seus relatos o pouco envolvimento com as manifestações da comunidade. Cinco das associadas disseram não se envolver em nenhum grupo, o que corrobora para inferirmos a pouca participação dessas mulheres

em grupos de lazer e entretenimento. Ficou evidente que o envolvimento delas ocorria principalmente com o trabalho na lavanderia e a realização das atividades domésticas. Apenas uma das informantes relatou participar da Pastoral da Criança, vinculada à igreja católica, sua participação condicionava-se principalmente ao fato de ter filhos menores, para ela a participação nesse grupo contribuía para a melhoria da qualidade de vida dos filhos.

O transporte público era acessível e usado por grande número de moradores. Apesar de não ter encontrado informações que comprovassem a área total do bairro, durante a realização da pesquisa pude observar sua amplitude. Mesmo sendo um bairro periférico, existiam ruas secundárias, ou mesmo atalhos que permitiam acesso rápido ao centro da cidade, sendo essa uma característica apreciada pelas integrantes da lavanderia. A localidade onde se deu a instauração do bairro propiciou grande número de ladeiras, sendo este um bairro bastante elevado e que propiciava uma visão ampla de outros bairros.

Um problema que afrontava e preocupava os moradores eram os altos índices de violência e o uso de drogas. Em vários diálogos com as integrantes da lavanderia foi mencionado situações de troca de tiros, assaltos, perseguições e mortes. As perturbações com essas situações se davam principalmente por receio dos filhos se tornarem vítimas da violência ou se envolverem com crime.

De modo geral percebi que mesmo permeado por inúmeros problemas sociais, a população desse bairro era bastante receptiva e o contingente de pessoas que se preocupavam em minimizar essas adversidades era grande. Um dos aspectos que mais chamou atenção foi a preocupação das mães em relação aos filhos e os problemas sociais relatados.

Percurso Metodológico

Essa pesquisa possui caráter qualitativo que, de acordo com Godoy (1995), envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada. Procurei compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, dos participantes, da situação em estudo. No entanto, em alguns momentos esse trabalho perpassou por instrumentos de caráter

quantitativo, como foi o caso da análise do perfil sócio econômico e cultural, no qual existiu a necessidade de uma sistematização mais objetiva.

Esse trabalho foi embasado na teoria compreensiva que, conforme Weber (1991) possibilita o processo de compreensão da realidade social, bem como, dos significados a ela atribuídos. A perspectiva qualitativa desta pesquisa se fundamentou principalmente nas discussões estabelecidas no campo da antropologia e da sociologia, que se pautam no entendimento da sociedade a partir do indivíduo, através das relações sociais por eles estabelecidas. Conforme Minayo (2008), “A teoria compreensiva privilegia a compreensão e a inteligibilidade como prioridades específicas dos fenômenos sociais, mostrando que os conceitos de significados e intencionalidade os separam dos fenômenos naturais” (MINAYO, 2008, p. 95).

A observação participante proposta por Malinowski (1997) foi um instrumento importante nesse estudo, pois através dele tive a oportunidade de me colocar mais próxima do grupo em estudo, estando envolvida com o trabalho desenvolvido e me tornando mais íntima da realidade analisada.

Malinowski (1997) foi um dos estudiosos que defendeu a proposta de que a pesquisa antropológica deveria deixar de ser de gabinete, para se tornar um trabalho de campo com interação entre investigador e os grupos sociais pesquisados. Essa proposta colocava o pesquisador mais próximo de seu “objeto” de pesquisa, transmitindo o que existia de mais imponderável e evasivo na vida real. Em seu diário de campo, ele deixou clara a complexidade que o trabalho com pessoas requer, pois lidamos com seres humanos, dotados de capacidades, distintas das atribuídas aos outros animais e as plantas por exemplo. Malinowski (1997) evidenciou também, as dificuldades relacionadas à necessidade de afastamento do nosso contexto social e a inserção em outro, propondo a ideia de estranhamento do que nos é familiar e aproximação com o exótico. Mesmo existindo características que me aproximavam da realidade vivenciada pelas mulheres, muitas outras me tornavam uma estranha, propondo a necessidade de familiarização com o exótico aos meus olhos. Ainda segundo Malinowski, a observação participante é considerada a forma mais eficiente de se conhecer intensivamente uma sociedade, ou mesmo um grupo social no seu contexto microssociológico.

A observação de um grupo auxilia-nos no fato de se poder captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observamos diretamente a própria realidade (MINAYO, 1994, p. 59-60). Para Orum,

citado por D'Ávila (1999), a utilização dessa estratégia permite examinar um fenômeno particular em sua totalidade e compreender o contexto em que a ação social foi realizada.

Durante o trabalho de campo foi estabelecido contato direto com as mulheres, trabalhadoras da ALASTE, a fim de angariar informações relevantes para a construção do texto dissertativo. Entretanto nessa fase procurei auxiliar a realização das diferentes atividades, como apanhar roupas do varal, dobrar, fazer o café, organizar a lavanderia e até realizei a passadoria de algumas peças, para que assim conseguisse me tornar próxima e alcançar a confiança do grupo, essa foi uma estratégia que possibilitou dia a dia uma relação mais íntima, com as mulheres as quais me propus trabalhar.

A inserção em campo foi realizada em maio de 2015. Considerei importante estabelecer contato com o grupo antes da realização dos questionários e das entrevistas, pois essa atitude contribuiu para o desenvolvimento das ações futuras. Somente após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFV, iniciei as entrevistas e questionário, em função das alterações sugeridas pelo CEP/ UFV e pela necessidade de reenvio de novas documentações, houve atraso no início da pesquisa.

As informações advindas das observações participantes foram anotadas em uma caderneta de anotações e posteriormente interpretadas e analisadas. No início do trabalho de campo encontrei muitas dificuldades de interação com as mulheres da lavanderia. Assim, senti necessidade de ter um instrumento que me auxiliasse no avanço da pesquisa, pois a falta de comunicação me proporcionava um sentimento de incapacidade diante da situação. Foi nessa perspectiva que passei a fazer anotações de todas as ações que observava durante a permanência na lavanderia. Essa ferramenta foi fundamental para o reconhecimento de diferentes condutas e dinâmicas adotadas por elas. Esses escritos não apresentavam uma sistematização continuada, eram “anotações rabiscadas em uma caderneta”. (CARDOSO, 2000, p. 25)

Durante a observação participante, verifiquei aspectos comportamentais como risos, silêncio e outras expressões, esses elementos também foram analisados, visto que essas manifestações poderiam contribuir para a compreensão de aspectos não mencionados pelos informantes.

A pesquisa documental propiciou o resgate de materiais que relatavam a história da lavanderia, tais como: a ata de fundação, ata de reuniões, regimento interno e algumas anotações, esses documentos se encontravam na lavanderia e auxiliaram na

construção de uma descrição a respeito desse local e de sua trajetória ao longo dos treze anos de existência.

Santos (2000) evidencia que a pesquisa documental pode ser realizada em fontes, tais como tabelas estatísticas, cartas, fotografias, atas, relatórios, pinturas, desenhos, esculturas, diários, ofícios, certidões, escritos, testamentos, documentos informativos arquivados, dentre muitos outros. Para Ludke e André (1986), essa técnica é uma importante ferramenta em pesquisas qualitativas, pois auxilia na complementação das informações obtidas e também contribui para a descoberta de aspectos ainda desconhecidos em relação ao tema pesquisado.

Adicionalmente foi utilizada como técnica de coleta de dados a realização de entrevistas e aplicação de questionários, que auxiliaram na estruturação do perfil sócio-econômico e cultural. Através dos questionários busquei informações relacionadas a variáveis como sexo, renda, idade, escolaridade, origem, número de filhos e estado civil.

Optei por aplicar os questionários antes de realizar as entrevistas semi-estruturadas, uma vez que estes questionamentos foram objetivos, demandando menor tempo e também por propiciarem uma porta de entrada para realizar discussões mais pessoais. A aplicação dos questionários contribuiu para aumentar a proximidade com as mulheres, além de trazer a elas segurança em relação à presença de uma pessoa nova. Percebi que o reconhecimento foi simultâneo, pois as mulheres também procuravam reconhecer e compreender a presença de uma desconhecida em seu ambiente.

Após o término dos questionários, foram realizadas entrevistas, quando autorizadas, foram gravadas e transcritas. Um dos turnos (3 mulheres) não permitiu a gravação, nesse caso realizei a anotação de todas as informações. Considerando os objetivos propostos, busquei compreender na perspectiva dos sujeitos da pesquisa aspectos referentes, à inserção, participação e permanência na lavanderia; aos interesses e expectativas que orientaram o envolvimento na lavanderia; significado do trabalho; considerando seus aspectos positivos e negativos; satisfação com o trabalho realizado; ocorrência de conflitos entre as lavadeiras; trajetória de vida; redes de apoio e impactos que o trabalho na ALASTE poderiam gerar para a unidade familiar.

A opção em realizar entrevistas semi-estruturadas se deu para que informações não alcançadas pelos questionários de forma isolada fossem contempladas. A entrevista pode ser definida como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do

outro, o entrevistado” (Haguette, 1997). Para TRIVIÑOS (1987), a entrevista semi-estruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152)

Para melhor compreensão e sistematização das informações, procurei estabelecer uma ordem cronológica para as ações realizadas durante a coleta de dados. Inicialmente foi realizado contato com a atual diretora do CSU- Centro Social Urbano, que contribuiu para a aproximação com a lavanderia e suas integrantes. Durante a tramitação do processo seletivo em 2014 e também durante o primeiro ano de curso de mestrado, realizei contatos com as lavadeiras, manifestando o interesse em conhecer melhor o grupo, porém o primeiro contato presencial foi realizado por intermediação dessa funcionária, após essa aproximação, foi dado início às observações participantes.

A realização das entrevistas com as lavadeiras demandou exatamente seis dias, pois optei por entrevistar uma em cada dia, devido à abrangência dos esclarecimentos, procurando assim interferir o mínimo possível no desenvolvimento das atividades na lavanderia. Além das lavadeiras, foram entrevistadas a secretária municipal de desenvolvimento social (2013-2016) e a diretora do CSU. O intuito ao procurá-las foi compreender a relação da secretaria com as atividades desenvolvidas pela lavanderia, bem como, a ligação com o trabalho desenvolvido pelo CSU. Assim, alguns questionamentos referentes ao papel da secretaria e ao envolvimento com a lavanderia foram realizados. As entrevistas foram gravadas quando permitido e transcritas, procurando manter sua integridade, permitindo assim que as informações expressas pelas participantes conservassem sua originalidade e riqueza de detalhes.

A escolha do local das entrevistas foi definida pelas participantes, que puderam optar por um ambiente onde se sentissem mais confortáveis. Contudo, todas as associadas optaram por realizar as entrevistas na própria lavanderia. Em contato realizado com a secretária municipal de desenvolvimento social, foi manifestado o interesse em realizar a entrevista em sua sala, situada na prefeitura municipal. A diretora do centro social urbano escolheu realizar a entrevista no próprio CSU, optando pelo período em que o número de crianças era menor, o que possibilitou o afastamento por algum tempo de suas atividades.

Local de estudo

A pesquisa foi realizada em Muriaé, um município fundado em 1841, com denominação original de São Paulo de Muriaé, localizado no sudeste do estado, na Zona da Mata Mineira, contando com uma população estimada em 100.765 mil habitantes (IBGE, 2010).

Dados do IBGE (2010) mostraram que esse município possuía uma população de 48.757 mil homens e 52.008 mil mulheres, sendo que estas contribuía com 39,4% dos rendimentos familiares. Essa informação evidenciou a importância do trabalho feminino para a manutenção de suas famílias. Nesse município, 44,1% das mulheres que possuíam alguma ocupação eram analfabetas ou frequentaram apenas o ensino fundamental incompleto, esse percentual encontrou ressonância na realidade pesquisada, uma vez que as mulheres que participaram dessa pesquisa possuíam níveis de escolaridade baixos, sendo três apenas alfabetizadas, duas com o ensino fundamental incompleto e uma com ensino fundamental completo.

Em relação ao setor de prestação de serviços, o percentual de mulheres que ocupavam esse segmento atinge 69,3 %, sendo este o setor que proporcionava o maior número de empregos para mulheres. Essa estatística também encontrou ressonância na realidade pesquisada, uma vez que a lavanderia era um segmento que oferecia serviços à comunidade muriaense (IBGE, 2010).

Ainda segundo informações do IBGE (2010), uma das principais atividades econômicas do município eram as indústrias de confecções, essa cidade era conhecida no estado pelo grande número de indústrias de confecção, principalmente as voltadas para moda íntima e de pijamas, sendo este um setor que empregava grande número de mulheres.

Muriaé contava com mais de 60 bairros, e segundo informações, o bairro Santa Terezinha era considerado pelos moradores da cidade, um dos que apresentava os maiores níveis de pobreza e violência. O referido grupo foi escolhido para a realização desta pesquisa, uma vez que considerei este um campo rico em oportunidade, para a compreensão de questões referentes ao trabalho feminino e suas implicações nas relações sociais e familiares.

Sujeitos da Pesquisa

Os interlocutores desta pesquisa foram as mulheres que atuavam como “lavadeiras” na Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha de Muriaé, MG (ALASTE). Na ocasião da pesquisa, haviam seis associadas. Para colaborar e enriquecer, ainda mais o trabalho, além das mulheres participantes da lavanderia, foi estendida a investigação à funcionária da prefeitura municipal de Muriaé/MG, que atuava como coordenadora do Centro Social Urbano e orientadora pedagógica no bairro Santa Terezinha e também para a secretaria de desenvolvimento social do município. Procurei pela coordenadora do referido centro, pois uma de suas funções enquanto servidora pública era a de contribuir com a lavanderia, principalmente nas questões burocráticas. Indaguei sobre suas funções na lavanderia, uma vez que ela não era um membro associado a esse grupo. Busquei informações referentes à instalação, a relevância desse empreendimento para o bairro e algumas de suas percepções em relação às atividades domésticas. Averigui também quais foram às perspectivas da instalação da lavanderia quando ela se instaurou e também no contexto atual. Devido à proximidade entre a lavanderia e o CSU, durante todo o processo de coleta de dados estive próxima a essa funcionária.

Houve também a participação da secretaria de desenvolvimento social (2013-2016). O interesse ao procurá-la foi compreender a relação da secretaria com as atividades desenvolvidas pela lavanderia, bem como, a ligação como o trabalho desenvolvido pelo CSU. Busquei esclarecer quais eram as atribuições municipais em relação à lavanderia, compreendendo as justificativas da ligação entre a lavanderia e o poder público.

Análise de dados

Para a análise dos dados primeiramente organizei todas as informações obtidas e posteriormente realizei uma análise descritiva dos dados.

Para Lakatos, analisar significa investigar, sondar, observar, examinar. “A análise refere-se ao processo de conhecimento de determinada realidade e implica o exame sistemático dos elementos” (2008, p.17). Nesse sentido faz-se necessário dividir o todo em partes, para que a compreensão ocorra de forma mais completa. Encontrar os elementos principais, determinar as relações e compreender a maneira pela qual estão organizadas são passos cruciais para uma análise primorosa.

Os dados obtidos através do “questionário”, das entrevistas e da observação participante foram explorados através da análise descritiva das informações, onde além de elencar as informações relevantes para a pesquisa, procurei relacionar as discussões teóricas sobre o tema com o material coletado. Para Angrossino (2009), a análise descritiva se baseia no processo de tomar o fluxo de informações, decompondo-as em partes que a constituem, identificando padrões, regularidades ou temas que emergem dos dados, a luz dos referenciais teóricos que embasam a compreensão e discussão dos dados.

Foram tomados os cuidados necessários para que a atividade de lavar roupas não fosse naturalizada, pois o risco de respaldo em vivências particulares sempre existiu, e isto deixaria que informações relevantes ao trabalho fossem perdidas. Nesse sentido, sempre que possível foi praticado o exercício proposto por Da Matta (2000), que defende que “tanto o pesquisador quanto o pesquisado compartilham informações, embora muitas vezes não se comuniquem de um mesmo universo das experiências humanas” (DA MATTA, 2000, p. 23). Dessa maneira, procurei colocar certa distância aos eventos que me eram comuns promovendo o estranhamento ao que era familiar dentro das minhas vivências.

Durante a análise dos dados e a elaboração da dissertação, procurei não esquecer a complexidade assumida pelos fatos humanos, nem tão pouco a relevância assumida por esses. Acredito que essa foi uma condição que possibilitou o amadurecimento das ideias e conceitos, contribuindo para um resultado final com o mínimo de interferência possível.

Vivências na pesquisa de campo

Acredito que foi pertinente realizar um breve apanhado das experiências vivenciadas durante o trabalho de campo, buscando evidenciar os percalços encontrados, como também realçar as contribuições científicas e pessoais que trabalhos desta natureza podem propiciar.

Selecionei algumas situações que considere relevante para este debate, com o intuito de apresentar algumas dificuldades encontradas por pesquisadores das ciências sociais, mas por outro lado promover reflexões sobre os diferentes aspectos que envolvem esta tarefa.

Ao iniciar uma pesquisa científica, traçamos diversos objetivos e metas que precisam ser cumpridas. Porém, a realidade mostra que o campo investigativo possui seus imponderáveis e como enfatizado por Malinowski, quando tratamos de pesquisas envolvendo seres humanos, estas surpresas podem ser ainda maiores.

Para a realização da pesquisa de campo, foi necessário que eu residisse por um mês em Muriaé. Assim, em maio de 2015, me instalei nesta cidade. Como qualquer mudança, alguns estranhamentos foram recorrentes, mas nada que não passasse com o transcorrer do tempo.

Para chegar à lavanderia, fiz uso de transporte público, sendo o percurso entre minha residência e a lavanderia, realizado em aproximadamente quarenta minutos. Durante os cinco dias de funcionamento da lavanderia realizava este trajeto permanecendo o dia todo com as mulheres na lavanderia. O primeiro encontro foi bastante surpreendente, primeiro pelas infinitas ladeiras que os ônibus enfrentam para chegar ao destino. Seguidamente pela forma como fui recepcionada. Apesar de elas saberem que seria realizada uma pesquisa e que por algum tempo alguém iria acompanhar suas atividades, o estranhamento e a vontade de se protegerem foram imediatos.

Quando adentrei a lavanderia, acompanhada pela diretora do Centro Social Urbano - CSU, uma das intermediadoras para a realização desta pesquisa, as lavadeiras do turno da manhã ouviram atentamente suas palavras, demonstrando consentimento com tudo o que foi falado. Logo após a saída da diretora do CSU, iniciei minha apresentação, falei da importância da pesquisa e forneci algumas outras informações,

porém a primeira fala que ouvi foi: “*Você pode ficar aí, mas não tem tempo pra ficar respondendo pergunta não, tem muito serviço aqui*”.

Logo após esta recepção o silêncio se instaurou e elas responderam secamente apenas as perguntas realizadas, não dando início a nenhum diálogo. O silêncio permaneceu durante toda a manhã. Por volta das doze horas chegaram às mulheres do turno da tarde. Apesar da desconfiança, esse turno se colocou mais aberto ao diálogo e o tempo todo fizeram perguntas tais como: Quem é você? De onde você veio? O que você quer saber? Porque vai ficar aqui esse tempo? O que é essa tal pesquisa? Isso aqui é seu serviço (emprego)? Apesar das recepções diferenciadas, a desconfiança em relação à presença de uma nova pessoa era notável, por mais que diversas explicações fossem realizadas, o distanciamento permaneceu por algum tempo.

Malinowski (1997)³ evidenciou os diversos percalços enfrentados por um pesquisador durante seu trabalho. Dificuldades como adaptação ao ambiente, falta de conhecimento da língua dos nativos, idéia pré-estabelecida de superioridade por parte do pesquisador, desconfiança e medo foram algumas das perturbações enfrentadas. De forma semelhante, minhas anotações trouxeram diversas situações em que cheguei a pensar que seria impossível realizar a pesquisa.

Contudo, essas dificuldades favoreceram a realização do exercício de me colocar no lugar do outro, o que nem sempre foi uma tarefa fácil. A chegada de um estranho em nosso espaço pode causar desconfortos e desconfianças, daí a necessidade de realizar o exercício de inversão de papéis, se colocando mais próximo da realidade e, por conseguinte, buscando encontrar a melhor maneira de proporcionar conforto aos participantes da pesquisa.

Durante a primeira semana de envolvimento com as mulheres, o desconforto foi contínuo, ao longo dos dias tentei me aproximar, conversar, falar de assuntos do cotidiano, auxiliar nas tarefas, mas nada fez com que a desconfiança diminuísse. Quando a segunda semana de trabalho foi iniciada, um sentimento de incompetência pairou sobre mim. Senti-me completamente desmotivada e desanimada, por não conseguir me aproximar do grupo com o qual me dispus a trabalhar.

³ Essas discussões foram estabelecidas na obra intitulada “Um diário no Sentido Estrito do Termo”, publicada em 1997, a partir de anotações realizadas por Malinowski em sua pesquisa de campo realizada nas ilhas Trobriand na Nova Guiné.

Neste momento, procurei pela minha orientadora Rita Farias⁴, que como própria palavra diz, tem como função orientar, direcionar, conduzir ou mesmo guiar a pesquisa. Assim, ela sugeriu a busca por estratégias que me colocassem mais próxima das mulheres, com o intuito de demonstrar a importância que elas tinham, promovendo a valorização delas enquanto pessoas. Foi então, que chegamos ao consenso de que levar algo para o lanche seria interessante. Assim, em cada dia da semana, levei alguma coisa para comermos: pães, bolo, rosas, dentre outros.

No primeiro momento elas ficaram surpresas, mas por outro lado percebi a alegria delas, uma vez que esta pequena atitude fez com que elas se sentissem importantes, promovendo um sentimento de valorização e reconhecimento entre elas, a ideia que emergia pelos olhares e comportamento diante da situação era: “*Ela lembra da gente*”. A partir desta iniciativa, comecei a ganhar confiança, carinho e respeito e, nas semanas seguintes, elas tornaram-se menos arredias, deixando que me aproximasse para conversar ou mesmo ajudar no trabalho.

Aos poucos, o convívio diário foi melhorando e minha presença já não representava ameaça e intimidação para elas. Pelo contrário, percebi a construção de uma relação respeitosa, na qual elas possuíam intimidade suficiente para falarem de suas casas, famílias, filhos e seus sonhos.

Este foi um dos momentos mais gratificantes durante o trabalho, pois conheci um pouco melhor a história de vida de cada uma delas, compreendendo como foram suas trajetórias, porque elas se inseriram na lavanderia, e quais eram as pretensões para o futuro. Os relatos mostraram que todas elas apresentaram uma história de vida complexa, permeada por dificuldades, onde bens considerados de primeira necessidade eram escassos.

Ao mesmo tempo em que as histórias possuíam um cunho pesaroso e triste, elas demonstraram um sentimento de superação, em que a vontade de vencer os desafios impostos pela sociedade era maior que o desprazer com todos os problemas vivenciados. Histórias que evidenciavam violência, tráfico de drogas, morte, pobreza, medo, eram recorrentes entre elas, uma vez que o bairro onde residiam era permeado por diversos problemas sociais.

Mesmo que muitas histórias fossem contadas com tom humorístico e permeadas de risadas, notávamos o receio e a indignação dessas mulheres. Os diferentes relatos

⁴ Doutora em Antropologia Social pela UNICAMP.

provocaram um sentimento de impotência, frente a uma triste realidade enfrentada por milhares de brasileiros.

Apesar de todas as dificuldades relacionadas à execução dessa pesquisa, conviver e conhecer a história dessas mulheres proporcionou diversas reflexões, que mostraram a superação e a construção de novas histórias como uma aspiração para o futuro.

Diante dos problemas sociais, alguns projetos sociais, como o Pró- Criança⁵ e o Escalada da Cidadania⁶ forneciam suporte às mães, que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar os filhos. O apoio referente ao cuidado com os filhos era concedido principalmente por esses programas, em algumas ocasiões havia contribuição de membros familiares, como irmãos mais velhos, avós, tios, mas essas eram situações descontínuas. A vontade de vencer, melhorar a vida financeira, a condição de vida para os filhos, construir a própria casa, são motivações que impulsionavam a vida dessas mulheres, e com toda certeza proporcionavam momentos de reflexão, que ultrapassavam as expectativas que uma pesquisa idealiza.

A presente pesquisa mostrou que todas as entrevistadas apresentavam baixo nível de escolaridade, tendo frequentado a escola por pouco tempo. Mas por outro lado, todas relataram a importância e a necessidade de os filhos permanecerem na escola. Várias delas, (cinco informantes) viam nesta instituição a oportunidade de alcance de uma vida digna para seus filhos. Por esse motivo, elas rigorosamente encaminhavam seus filhos para escola e para os projetos sociais existentes no bairro.

Em situações como as mencionadas, torna-se difícil, o não envolvimento, uma vez que as situações e histórias de vida dos participantes foram envolventes. No processo investigativo, existe a necessidade de compreendermos que o pesquisador passa a fazer parte da história das pessoas e do local pesquisado, seja por determinado período de tempo, seja por toda a vida. Ou seja, os trabalhos de pesquisa realizados com seres humanos podem ultrapassar os limites de uma pesquisa convencional. Por outro

⁵ Este programa auxilia meninos e meninas com idade entre 6 e 15 anos, retirando-os da rua e minimizando através de atividades artísticas, culturais, esportivas sua situação de risco social. Este programa atende as crianças no período em que elas não estão na escola.

⁶ Criado pela secretaria de desenvolvimento social de Muriaé, este é um projeto que incentiva jovens e adolescentes moradores de áreas de vulnerabilidade social. Estes têm a oportunidade de realizar aulas de pintura, música, dança natação, entre outras modalidades. Recebem acompanhamento de orientadores sociais. Este é um projeto realizado em parceria com a polícia militar, que realiza palestras sobre prevenção ao uso de drogas.

lado, ao mesmo tempo em que as pesquisas requerem envolvimento do pesquisador, é necessário distanciamento, para não comprometer o potencial investigativo.

Neste sentido é que Da Matta, (1978) fala em “sentimento e emoção” nas pesquisas sociais. Muitas vezes a inserção nos trabalhos de campo torna-se problema, pois o pesquisador não consegue separar suas emoções do trabalho realizado. A subjetividade nas pesquisas de campo torna-se necessária no processo de compreensão e interpretação da cultura do outro, para se levar em consideração as diferentes formas de expressão e interpretação dos fatos, seja por parte do pesquisador seja pelos próprios sujeitos estudados.

A pesquisa realizada proporcionou experiências ímpares, as dificuldades e obstáculos encontrados durante a realização deste trabalho foram importantes e necessários. Os obstáculos foram grandes motivadores, pois sem a presença deles os resultados não teriam o mesmo significado e importância que possuem hoje. Como destacou Walt Disney: *“Eu gosto do Impossível, por que lá a concorrência é menor”*.

Organização da Dissertação

Esta dissertação foi dividida de forma a auxiliar o processo de leitura e a compreensão das informações. Os dados foram sistematizados a partir de uma ordem cronológica, com o intuito de estimular o leitor. As informações foram agrupadas em três capítulos, sendo o primeiro intitulado: “Descortinando o Campo Investigativo”. O segundo “Conhecendo o grupo e suas particularidades” e o terceiro “Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Trabalho Feminino”.

O primeiro capítulo foi iniciado com relatos sobre a construção do objeto investigativo, procurei demonstrar como se deu a idealização dessa pesquisa e quais foram as influências que colaboraram para despertar o interesse por esse campo de trabalho. Logo em seguida procurei trazer informações que se relacionassem à lavanderia, assim elaborei uma descrição da Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha/ ALASTE, evidenciando aspectos relacionados à história de sua implantação, e ao seu funcionamento nos dias atuais, busquei informações no estatuto, em atas e anotações e também com as mulheres que participaram da pesquisa. Nesse capítulo elucidei também aspectos referentes à estrutura física e de pessoal da lavanderia,

procurei descrever toda a infraestrutura do espaço. Outro aspecto retratado foi a rotina de trabalho realizada pelas mulheres, nesse tópico angariei informações que demonstraram como o trabalho era realizado e organizado, evidenciando aspectos relacionados à sistematização do trabalho por elas, por último trouxe informações que propuseram reflexões a respeito da legitimidade da ALASTE, enquanto associação, construindo um debate a respeito das características que a distanciavam ou aproximavam desse tipo de organização social.

O capítulo seguinte tratou mais especificamente do grupo e de suas particularidades, nessa parte dediquei maior atenção às integrantes da lavanderia. Inicialmente esbocei um relato, que contou parte de suas histórias, foram destacados aspectos ligados à formação familiar, ao emprego e às perspectivas futuras. Logo em seguida investiguei aspectos relacionados à aprendizagem do ofício de lavadeira, procurei por informações que certificassem a construção social elaborada em torno do papel feminino na unidade familiar e na sociedade.

O último capítulo tratou de uma discussão mais teórica que se apropria de questões relacionadas a gênero e ao trabalho feminino. Primeiramente tracei algumas considerações em relação às categorias trabalho e gênero, correlacionando-as com os dados apreendidos durante a pesquisa. A articulação do tempo também foi explorada dentro desse capítulo, com o intuito de verificar as estratégias que possibilitaram conjugar o trabalho familiar, com o trabalho remunerado exercido na lavanderia. Também propus algumas contribuições referentes ao menosprezo instituído socialmente ao trabalho feminino. Por fim, elenquei algumas das contribuições que trabalhos realizados nas ciências sociais podem trazer ao pesquisador, elencando suas possibilidades, dificuldades e aspectos positivos.

CAPÍTULO 1

DESCORTINANDO O CAMPO INVESTIGATIVO

1.1 A implantação da Lavanderia

A lavanderia onde foi realizado o estudo foi fundada no dia quatorze de agosto de dois mil e três (14/08/2003), iniciando as atividades com vinte associadas fundadoras⁷.

Na ocasião da fundação, as mulheres se reuniram para discutir como funcionaria a lavanderia e quais seriam seus objetivos. Após a conversa, todas manifestaram-se positivamente em relação à criação da lavanderia. Depois de aprovarem a criação da ALASTE, fez-se a eleição dos membros da diretoria, ficando decidido que Elisete Maria Rodrigues Lima seria a presidente, Sabrina Pereira de Jesus Silva a vice-presidente; Ana Gabriela Ferreira a primeira secretária; Maria Aparecida de Assis a segunda secretaria; Erotilde Francisca de Souza, primeira tesoureira e Letícia Alves Boaventura, a segunda tesoureira. Todas as mulheres citadas como membros da diretoria da ALASTE neste período, não trabalhavam mais na lavanderia na ocasião da pesquisa.

Neste mesmo dia, foi realizada a inauguração da então conhecida “Lavanderia Comunitária Abigail Reis Pedrosa”. Este nome, presente em alguns relatos, pareceu ser o nome de uma moradora do Bairro Santa Terezinha que foi homenageada. Na ocasião, estavam presentes representantes da EMATER/MG e do SEBRAE, que realizaram parcerias com a lavanderia, oferecendo cursos de capacitação para as integrantes. Os técnicos responsáveis por essa capacitação foram Gustavo de Freitas Magalhães e Ângela Márcia Gomes. Na oportunidade, a então secretária de desenvolvimento social municipal, Genilda Flores Carvalho, relatou a história daquele espaço, que antes podia ser usado por qualquer pessoa que necessitasse higienizar suas roupas. Foi elucidada a importância do espaço para o bairro, contudo foram explanados os problemas decorrentes do livre acesso e a importância que a fundação da lavanderia teria para a comunidade. A então presidente da lavanderia, Elisete Maria Rodrigues Lima,

⁷ As informações referentes à formação da ALASTE foram encontradas em documentos como a ata de fundação e o estatuto da lavanderia, que foram disponibilizados pelas atuais integrantes da lavanderia.

agradeceu o apoio recebido pela prefeitura de Muriaé, que concedeu a estrutura necessária para o funcionamento da lavanderia, mencionando o nome do prefeito municipal do período, o médico Odilon de Paiva Carvalho.

Conforme mencionado pelas lavadeiras entrevistadas, a lavanderia já existia desde 1980. Até o ano de 2003 a lavanderia funcionava como um espaço aberto a toda comunidade, no qual todos poderiam efetuar a higiene de suas roupas e de suas famílias. Nessa época, a lavanderia não contava com qualquer tipo de maquinário, possuindo apenas alguns tanques e água corrente a céu aberto. Com o passar do tempo, este espaço tornou-se um tanto quanto abandonado, passando a ser frequentado por usuários de drogas, o que impossibilitou seu uso pelos moradores do bairro.

Foi a partir destes incidentes que se realizou a elaboração de um projeto na gestão de Odilon de Paiva Carvalho (2001-2004) para a reforma do espaço. O intuito era retirar os usuários de droga, que se tornaram um problema social complexo, mas também promover a geração de emprego e renda para as mulheres do bairro Santa Terezinha e de alguns bairros vizinhos. Assim, o espaço foi totalmente reformado, realizou-se a aquisição de máquinas de lavar do tipo tanquinhos, baldes, varais e demais materiais necessários para que o trabalho fosse iniciado pelas mulheres que se interessaram. A prefeitura ainda na ocasião da pesquisa promovia o incentivo ao trabalho das lavadeiras, provendo com o aluguel, a água e a energia elétrica utilizada. Os produtos utilizados na higienização das roupas eram adquiridos com os recursos da própria lavanderia, entretanto, na ocasião da pesquisa, verificou-se que muitos setores da prefeitura designavam a lavagem de suas roupas a ALASTE, sendo o valor do serviço prestado pago em produtos.



Imagem 1: Fachada Principal da Lavanderia
Foto: Aline Rodrigues

O estatuto da lavanderia evidenciava que os mandatos teriam duração de dois anos, sendo necessária a realização de uma nova eleição após este período. Porém, o pleito eleitoral posterior ao de 2003 aconteceu somente em janeiro de 2009, após seis anos. Nessa ocasião, elegeu-se como presidente Maria Aparecida de Assis; vice-presidente Maria Aparecida Feliciano; primeira secretaria Simone da Silva; segunda secretaria Ana Maria Brandão Pereira e Silva; primeira tesoureira Tereza Maria de Jesus e segunda secretaria Maria Angela Bruno Pedro, sendo que apenas duas dessas mulheres ainda estavam na lavanderia na ocasião da pesquisa. Após 2009 não existiram novas eleições e, pelo fato de algumas mulheres terem se desligado, à lavanderia não contava com uma mesa diretora. Dentre as seis mulheres que constituíam a lavanderia, nenhuma apresentava função designada pelo grupo. Observei que existia uma integrante em cada turno, que se envolvia mais ativamente nas questões que diziam respeito ao grupo, contudo esse envolvimento ocorria espontaneamente. As decisões a serem tomadas eram discutidas em grupo, porém durante o tempo que estive presente notei que muito dificilmente um acordo era estabelecido, assim era necessário a intervenção da Diretora do Centro Social Urbano para que fosse estabelecida uma decisão que todas concordassem e respeitassem.

No período em que estive presente ocorreu uma situação, que exemplifica a falta de harmonia e unanimidade entre as integrantes. No dia treze de maio, quando cheguei à lavanderia observei que as mulheres não estavam efetuando a lavagem das roupas, dedicando-se apenas a funções de recolher, passar e armazenar. Fui informada que a máquina do tipo tanquinho havia se danificado. O primeiro impasse ocorreu quando, o turno no qual o equipamento havia estragado recusou-se a procurar pela assistência técnica alegando que sempre que algum problema desse tipo ocorria eram elas que ficavam com a responsabilidade. Quando o turno que trabalharia a tarde chegou, perceberam que o tanquinho não estava funcionando, contudo não tomaram nenhuma iniciativa e novamente o trabalho foi interrompido. Somente na manhã seguinte, as mulheres que iniciariam o trabalho se prontificaram a procurar a assistência técnica. No dia seguinte, o funcionário da assistência informou que o equipamento não possuía conserto, assim foi necessário a compra de outro maquinário. A compra do tanquinho resultou em grandes discussões, pois um turno queria um modelo, o outro reclamava do preço, da marca, do tamanho, enfim em nenhum aspecto existiu acordo entre elas.

Somente após a intervenção da diretora do CSU, foi que a compra se concretizou e o trabalho voltou à sua normalidade.

1.2 Estrutura física e de pessoal da lavanderia

Na ocasião da pesquisa, a lavanderia possuía seis integrantes. Este número causou estranheza, uma vez que em 2012, quando realizei o primeiro contato com a ALASTE havia um grupo de 20 mulheres atuantes. Uma das primeiras inquietações que a inserção no campo proporcionou, foi perceber a redução significativa do número de associadas. Nesse sentido, comecei a investigar os motivos que proporcionaram a redução do quantitativo de mulheres.

Em algumas conversas, procurei indagar as mulheres associadas à ALASTE, o que fez com que o número de integrantes reduzisse. A inferência realizada por elas foi unânime, acreditava-se na perspectiva de que as que se afastaram conseguiram outras oportunidades de trabalho, em um dos casos a associada foi afastada, por consequência do envolvimento com drogas, o que estava prejudicando o trabalho, outras duas se afastaram porque havia completado a idade necessária para acessar o benefício da aposentadoria. Segundo informações *“muitas saíram por problemas de saúde, outras saíram porque arrumou outro emprego mesmo”* Vitória (51 anos).

Contudo, houve divergências, quando esse questionamento foi dirigido a secretaria de desenvolvimento social e à diretora do Centro Social Urbano, as motivações apresentadas para o afastamento foram outras. Segundo a diretora do CSU, as brigas, desentendimentos e conflitos, fez com que muitas mulheres saíssem. A secretaria de desenvolvimento social informou ainda que *“elas tem restrição contra colocar mais pessoas, eu tento explicar que se elas colocarem mais pessoas e tiverem um bom relacionamento ali dentro o serviço cresce, mas elas não pensam assim, elas acham que se entrar mais elas vão ganhar menos.”*

Durante a realização da pesquisa presenciei a procura de algumas mulheres do bairro pela lavanderia e pela diretora do CSU, com o intuito de retornar ou mesmo iniciar o trabalho na lavanderia, porém, as atuais integrantes sempre utilizavam alguma justificativa para impedir a associação de novas mulheres, como por exemplo, *“não tem trabalho pra mais gente”, “se entrar mais mulher aqui, vamos ficar olhando uma pra cara da outra”* (Jade, 43 anos). Esses discursos comprovaram os dizeres da atual

secretaria de desenvolvimento social, visto que era notável o receio que o aumento no número de integrantes gerava, a possibilidade de redução da renda era uma preocupação constante para elas. É interessante ressaltar que o ingresso na lavanderia ocorria por meio da realização do curso de capacitação, não sendo permitido o ingresso de pessoas que não haviam realizado o treinamento. Na ocasião da pesquisa, existia um debate entre as associadas de criar uma norma que estabelecesse que após um ano de afastamento, seria necessária a realização de um novo curso, pois esse perderia a validade. Não existia nenhum tipo de curso de aperfeiçoamento para as integrantes que atuavam na lavanderia, depois de realizado o curso para a inserção no trabalho, não ocorreram novas capacitações ou cursos de aprimoramento. *“Pra nós teve treinamento quando entramos, teve muita coisa. Ensinou a lavar, a separar, a atender, a tirar manchas, a passar. O curso ensinou do atendimento até a entrega” (Alana, 38 anos).* Porém segundo outra informante *“nunca teve treinamento depois que entramos” (Rosa, 63 anos).*

As seis mulheres que exerciam atividades na lavanderia, na ocasião da pesquisa, se dividiam em dois turnos de trabalho, sendo um matutino, de sete às doze horas e o outro vespertino, de doze horas às dezessete horas. A cada semana fazia-se a inversão dos turnos, no qual as lavadeiras que trabalhavam durante a manhã em uma semana, trabalhavam durante a tarde na outra. Segundo as entrevistadas, esta inversão foi a forma que encontraram para administrar o tempo, visto que o horário em que elas não estavam na lavanderia era utilizado para as atividades domésticas, compras, cuidado com os filhos, marcação de consultas nos postos de saúde, dentre outras. A ideia da inversão também se efetivou pelo fato de a maioria delas preferir trabalhar pela manhã. Assim, com essa atitude, todas tiveram a possibilidade de trabalhar no horário de sua preferência, não favorecendo nenhum dos turnos.

No que se refere ao espaço físico, ao adentrar na ALASTE, depara-se com a recepção, onde existia um pequeno balcão para atendimento aos clientes e um mural, no qual algumas informações relevantes são fixadas: os preços referentes a cada peça, o número do telefone de contato da lavadeira, algumas regras para os clientes e também um aviso indicando o horário de funcionamento.

O contato inicial entre cliente e as lavadeiras acontecia nesse balcão, em cujo espaço as roupas sujas eram recebidas, contadas, anotadas e os preços eram combinados, neste local também acontecia à entrega das roupas limpas.

Em cada turno, uma das mulheres ficava encarregada de realizar as tarefas referentes ao recebimento das roupas sujas e a entrega das roupas limpas. Geralmente a mulher encarregada das respectivas tarefas era aquela que possuía menor inibição frente aos clientes, sendo uma pessoa comunicativa e que possuía algum nível de instrução, dado que algumas delas não eram alfabetizadas.



Imagem 2: Área Molhada
Foto: Aline Rodrigues

O maior espaço da lavanderia era o local onde encontrávamos as duas máquinas de lavar utilizadas para enxágue e centrifugação, uma lavadora do tipo tanquinho utilizada para o trabalho mecânico de lavagem das peças, seis tanques fixos, diversos varais. Existia também uma área destinada à passagem das roupas que contava com quatro ferros de passar. Durante o tempo que realizei a pesquisa, percebi que as mulheres permaneciam quase todo o tempo nesse ambiente maior.



Imagem 3: Mesa de Passadoria
Foto: Aline Rodrigues



Imagem 4: Espaço Interno da Lavanderia
Foto: Aline Rodrigues

Este ambiente possuía ainda uma pequena área com pia e fogão, cujo espaço deveria ser utilizado para a realização do lanche. Entretanto, eram raras as vezes que as mulheres utilizavam os quinze minutos que lhes eram proporcionados, na maioria dos dias elas tomavam apenas café, sendo essa ação mais frequente pelas fumantes, ou então comiam pão rapidamente, não ocupando todo o tempo disponível. Próximo a este espaço existia ainda um pequeno banheiro.

A lavanderia possuía um cômodo destinado ao armazenamento das roupas limpas a serem entregues. Nesse ambiente existiam prateleiras onde os pacotes, devidamente identificados, eram colocados. Por vezes, alguns pacotes ficavam aguardando sua retirada por um tempo longo, o que afetava diretamente a lavanderia, pois a maioria dos clientes efetuava o pagamento quando retiravam suas roupas.

Existia outro ambiente na lavanderia, destinado ao depósito das roupas que aguardavam a higienização, dos produtos de limpeza e das embalagens para armazenamento das roupas limpas. Nesse cômodo havia duas prateleiras onde ficavam as embalagens, produtos, baldes e tambores para acondicionamento das roupas sujas.



Imagem 5: Roupas sujas armazenadas
Foto: Aline Rodrigues

A lavanderia possuía ainda uma área externa destinada a secagem de roupas, cujo espaço não era muito utilizado. Apenas quando existia um fluxo grande de roupas a serem secadas, elas optavam por colocar roupas nos varais externos. Isto ocorria pelo fato de que, caso as roupas não secassem durante o turno de trabalho, seria necessário

transferir as roupas da área externa para o espaço interno, para que não fossem surpreendidas por intempéries como chuvas, por exemplo, e o trabalho realizado fosse perdido.



Imagem 6: Área Externa
Foto: Aline Rodrigues

Na maioria das vezes, as roupas eram secas nos varais internos que se encontravam no espaço maior da lavanderia. Neste ambiente encontrava-se também um varal feito por fios elétricos e um pouco mais baixo que os normais no qual elas colocavam tapetes e peças mais pesadas para secar, havia nesse ambiente também duas bancadas destinadas à passadoria, separação e embalagem das roupas limpas.

1.3 A rotina de trabalho na lavanderia

Todos os dias as três integrantes pertencentes a cada turno se dividiam da seguinte forma: uma delas permanecia na área molhada, realizando a higienização das peças e as outras duas ficavam responsáveis pelo recolhimento das peças do varal, passadoria, separação, embalagem, identificação, armazenamento e entrega das roupas.

Segundo as informantes, este rodízio era realizado para amenizar o desgaste físico que o trabalho podia gerar. Elas mencionaram que a área molhada é a que mais exigia esforço físico. Assim, para não haver sobrecarga, cada dia uma delas ficava

responsável por esta área. *“Cada dia uma vai lavar as roupas, porque se fosse escolher ninguém quer ir né? Aí faz assim pra não dá confusão”*. (Margarida, 63 anos).

A integrante que permanecia na área molhada ficava responsável por retirar as roupas a serem higienizadas do local onde eram armazenadas e efetuar uma nova contagem das peças, conferindo com a contagem realizada no momento que as peças chegaram. Era também sua responsabilidade não misturar as roupas de um cliente com o outro e identificá-las com etiquetas assim que eram colocadas nos varais. Existia uma organização dos varais de forma a colocar as roupas de um mesmo cliente próximas, evitando confusão durante o recolhimento.

A passadoria das roupas era realizada em bancadas, cuja atividade era desempenhada por duas mulheres. Geralmente, elas passavam todas as peças de um cliente, para depois iniciar a passadoria de outra trouxa. Antes de correr o ferro quente sobre as roupas, era borrifada uma solução com água e amaciante de roupas que, segundo elas, contribuía para que as roupas ficassem macias, cheirosas e fáceis de passar.

Após a passadoria, as roupas eram embaladas na mesma mesa onde era feita a passadoria. Esta fase requeria muita atenção das mulheres, pois era o momento em que elas identificavam as embalagens de cada cliente. Um erro nessa fase podia provocar grandes transtornos. Os pacotes com as roupas limpas e passadas eram acondicionados em prateleiras dentro de um cômodo destinado apenas a essas embalagens.

A entrega das roupas acontecia sempre que era solicitada pelos clientes na própria recepção da lavanderia. Na maior parte das vezes, eram os próprios clientes que efetuavam a retirada das roupas e, em algumas situações, o serviço de motoboy era acionado, sendo pago pelo cliente. Assim que o cliente chegava, uma das mulheres se dirigia ao local onde eram guardadas as roupas limpas para pegar a embalagem, juntamente com o bloco, no qual era anotado o nome do cliente, o número de peças e valor do serviço. Alguns clientes realizavam o pagamento na ocasião da entrega das roupas, outros realizavam o pagamento mensalmente, o que era visto pelas entrevistadas como algo positivo, pois o valor recebido era maior, e elas evitavam ficar com dinheiro sobre sua responsabilidade.

Em relação ao número de peças higienizadas, constatei que mesmo existindo cadernos onde as informações referentes ao cliente, número de peças e valores era anotado, nenhuma das informantes expressou de maneira confiável o número de peças

higienizadas durante o dia, a semana ou mês, todas apresentaram dificuldade em expressar esse número. Uma informante disse ser em torno de 700 peças por dia, outras três disseram ser entre 200 e 300 peças, uma disse ser entre 600 e 800, e uma relatou não ter ideia da quantidade lavada durante o dia. A discordância entre as informações expressou a falta de controle sobre o montante de roupas higienizadas, mesmo existindo um controle em relação a cada cliente, não era realizada a contabilidade geral do serviço realizado.

Para a contabilidade, cada turno possuía um caderno de caixa, onde todas as entradas e saídas (produtos de limpeza, lanche, manutenção das máquinas) eram lançados. No início de cada mês, a responsável pelas anotações realizava o somatório das entradas e saídas do mês anterior, para que o dinheiro fosse contabilizado. Depois que esse balanço por turno era realizado, elas marcavam um encontro, em um dia que todas pudessem estar presentes, para somar o valor arrecadado pelos dois turnos e realizar o pagamento de todas. A pauta principal deste encontro era a realização dos pagamentos. Este era um dos dias mais tensos dentro da lavanderia, pois existia o receio de que faltasse dinheiro em algum dos turnos. Em algumas das vezes em que estive presente, houve divergência de valores. Pelo que pude observar geralmente estas falhas aconteciam quando surgiam alguns imprevistos relacionados à falta de produtos de limpeza e elas tinham que comprar produtos nas mercearias locais e, pela correria do dia a dia e do trabalho, acabavam se esquecendo de lançar o valor.

1.4. A ALASTE é realmente uma associação?

Ao iniciarmos o trabalho em 2012 com o grupo de mulheres da lavanderia, a informação que tínhamos era a de que existia uma associação de mulheres que se uniram para trabalhar prestando serviços como lavadeiras. Antes de conhecermos o grupo e suas integrantes, acreditávamos que o funcionamento se dava como em uma associação. Acreditávamos que o grupo estaria trabalhando de forma conjunta, com algumas atribuições pré-definidas como acontece em qualquer associação.

Entretanto, o trabalho de campo e a pesquisa documental evidenciaram que a Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha, possui muito pouco ou quase nada de uma associação, configurando-se como uma associação informal. Conforme o artigo 53 da Lei nº 10.406/2002, associação é definida como “a união de pessoas que se

organizam para fins não econômicos (lucrativos), não havendo, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos.” As associações de uma maneira geral, são formadas por pessoas que possuem objetivos comuns, ligados a questões sociais, culturais, religiosas, dentre outras. Nesse aspecto a ALASTE, pode ser considerada uma associação, visto que as mulheres que atuam na lavanderia possuem características comuns e compartilham dos mesmos objetivos, uma vez que os históricos de inserção na lavanderia se relacionam com o ingresso no mercado de trabalho e melhoria das condições de vida.

CARDOSO (2014, p. 7) define associação como

[...] qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades jurídicas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados. [...] a associação é uma forma jurídica de legalizar a união de pessoas em torno de necessidades e objetivos comuns. Sua constituição permite a construção de melhores condições do que aquelas que os indivíduos teriam isoladamente para a realização dos seus objetivos.

Enquanto associação legalmente regulamentada esse grupo poderia ter algumas vantagens no que se refere à política de crédito com juros baixos oferecida pelo governo. No entanto foi perceptível a perda desta oportunidade de acesso ao micro-crédito por este grupo não ser de fato uma associação.

A crise do fordismo emergida a partir da década de 1970 gerou grande desemprego, criando um terreno propício para a proliferação de diversos empreendimentos solidários, como as associações e cooperativas.

Para Harvey (2010:119) o período fordista caracterizou-se pelo surgimento de novos setores de produção e mercados; novas configurações do poder político-econômico e intensificação das inovações comerciais, tecnológicas e organizacionais que implicaram em mudanças de hábitos de consumo da população.

Lima (2006) enfatiza essa discussão ao argumentar que o movimento de cooperação iniciado entre as décadas de 1960 e 1970 e que entrou em derrocada na década de 1980, se fortaleceu a partir dos anos 1990, como uma alternativa de sistematização de opções de trabalho e renda a partir de formas autogeridas de produção, como resistência ao crescente índice de desemprego e à exclusão social de contingentes cada vez maiores da população. Nesse período o governo começou a estimular esses empreendimentos com o intuito de gerar renda e proporcionar o acesso

ao crédito facilitado. É importante ressaltar que toda cooperativa é considerada uma associação de pessoas, mas as associações de pessoas nem sempre são uma cooperativa, as cooperativas são essencialmente formais, o que não acontece habitualmente com as associações. Assim sendo, essas novas opções de trabalho foi uma alternativa ao desemprego, sendo uma opção para mulheres, uma vez que esse grupo demanda por possibilidades que possam ser articuladas com as funções exercidas como esposa e mãe. A ALASTE pode ser compreendida como uma alternativa para as mulheres daquele bairro e de suas proximidades, pois ligam diversos atributos indispensáveis para que a inserção no mercado de trabalho se efetive.

De acordo com dados do SEBRAE (2014), associações podem existir em vários campos da atividade humana e sua constituição pode derivar de motivos sociais, filantrópicos, científicos, econômicos, defesa do meio ambiente e por questões culturais. As interações entre membros de associações e destes com a sociedade potencializam relações de trocas sociais, culturais, econômicas e políticas que contribuem para fortalecer parcerias que ajudam a reduzir obstáculos burocráticos e administrativos, auxiliando no desenvolvimento do processo produtivo.

Marteletto e Silva (2004) ressaltam a importância da organização de redes que mobilizam recursos materiais e simbólicos para a transformação social, promovendo novas e complementares formas de apropriação e produção de conhecimentos e, também, da transferência e gestão de informações, fora da regulação estatal. Conforme esses autores, a participação em redes e a consequente aquisição de capital social são estratégias que podem promover a redução de pobreza e potencializar o bem-estar social. Em função disso, argumentam que entender sua constituição pode levar à sua utilização, como mais um recurso, em favor do desenvolvimento e da inclusão social, especialmente das comunidades.

Concordando com os dizeres de Marteletto e Silva (2004), acredito que a inserção na ALASTE foi uma maneira viável para que as mulheres conseguissem se inserir socialmente. Ao serem questionadas sobre a satisfação de trabalhar na ALASTE, todas as seis participantes mencionaram que acreditavam que a lavanderia amparou e continuava amparando suas necessidades até o momento da pesquisa. Segundo as informantes este amparo se dava, principalmente, pela renda obtida, uma vez que esta auxiliava na melhoria da qualidade de vida de todas. Alguns discursos evidenciaram este amparo *“A lavanderia me ajudou e ajuda até hoje, porque com meu dinheiro eu*

tenho conseguido crescer Alana (38 anos).” “*Tive dinheiro pra comprar as coisas*” (Margarida, 63 anos). “*Ajudou em tudo*” (Jade, 43 anos).

Apesar da importância da renda na vida dessas mulheres, a obtenção de renda não era o único motivador do trabalho. O convívio e a relação estabelecida com outras pessoas também eram cruciais para a vida social delas.

Em relação à satisfação com o trabalho realizado, cinco das informantes afirmaram gostar das atividades que desenvolviam na lavanderia, principalmente em função da relação de amizade que se estabeleceu entre elas, propiciando companheirismo e alegrias: “*Gosto do trabalho, do conjunto, do trabalho com as pessoas que eu estou convivendo. Faço um trabalho bom também por causa das companheiras, das companhias aqui dentro, da relação que a gente tem.*” (Alana, 38 anos). “*É um serviço tranquilo, não tem briga não tem nada, a gente conversa, se diverte, ri, brinca então a gente trabalha alegre.*” (Margarida, 63 anos).

Duas das participantes disseram estar insatisfeitas, uma delas disse que: “antes gostava mais” (jade, 43 anos), naquele momento estava cansada, com a “*cabeça ruim*”, percebi que esses argumentos se relacionavam principalmente ao momento conflituoso que estava ocorrendo com uma das companheiras de turno, porém essa mesma informante disse não ter a pretensão de se afastar da lavanderia. A outra participante, disse gostar do trabalho realizado, porém não estava se adaptando ao modo de trabalhar de uma das companheiras. Em seus dizeres evidenciou que se outra oportunidade surgisse iria sair. “*Se eu arrumar outro lugar pra trabalhar vou sair, para evitar problemas*” (Estela, 59 anos). Foi notório durante a pesquisa, conflitos entre as informantes que demonstraram insatisfação com o trabalho realizado, contudo o que transpareceu foi a relevância dos conflitos pessoais para o descontentamento com o trabalho e não a atividade de lavar roupas propriamente.

O trabalho de campo evidenciou que as ações do grupo, muitas vezes não eram condizentes com o que era preconizado pelo associativismo, pois, em diversas situações, os objetivos comuns eram substituídos pela individualidade.

Os conflitos estão presentes em todos os ambientes formados por pessoas, por fazerem parte da ontologia do ser, sendo fundamental para a construção do conhecimento, a formação da opinião e o exercício da tolerância. Dessa forma cada ser humano possui características próprias, o que os torna diferentes um dos outros, sendo os conflitos maneiras de expressar essas diferenças. Entretanto, no contexto de uma

associação, o desrespeito e a intolerância decorrentes das divergências de opiniões precisam ser trabalhados para que os objetivos comuns sejam alcançados. Foi perceptível que esta é uma característica que ainda precisa ser aprimorada dentro desse grupo.

Outra particularidade encontrada na lavanderia foi o fato de não haver uma mesa diretora atuante. Segundo o Sebrae (2014), as associações se baseiam na autogestão. Por meio de assembléia geral dos sócios, são definidas as políticas e linhas de ação da instituição, bem como se elege uma diretoria responsável pela administração da associação. Como existe uma série de conflitos internos na lavanderia, gerando desconfiança entre as participantes, não se estabeleceu a ideia entre elas de formar uma diretoria que fosse responsável pelas questões administrativas. Assim, na associação das lavadeiras não existia confiança suficiente para que os assuntos do grupo fossem resolvidos entre elas. Dessa forma, todas as vezes que havia necessidade de alguém para discutir e tomar decisões que envolvessem o grupo, uma funcionária do Centro Social Urbano, cedida pela prefeitura de Muriaé auxiliava as mulheres da lavanderia.

A funcionária do Centro Social Urbano mencionou que sua função é “*apenas* ajudar nas coisas que elas não conseguem resolver. É uma função indireta, lá tudo é por votação, é parte de documento, alguma nota fiscal que tem que ver com o contador, *aí é eu quem faço, mas é só o que elas não conseguem fazer sozinhas*” (Esmeralda, 42 anos). Contudo através da inserção na lavanderia, percebi que a função desta funcionária ultrapassa o propósito de ajuda mencionado, ficou evidente a dependência das lavadeiras, elas projetam nesta funcionária o papel desempenhado por um chefe, como se fossem funcionárias subordinadas à diretora do CSU.

A falta de instrução foi uma geradora dessa dependência em relação à diretora do CSU. Elas acabam não sabendo como agir, e ficam presas à assessoria de terceiros. Os baixos níveis de instrução acabam por ser uma fragilidade do grupo, contribuindo significativamente para a geração de conflitos, uma vez que não existe confiança suficiente entre as integrantes para a delegação de funções. A própria diretora do CSU confirma a existência dos conflitos, segundo ela, “*só existe diálogo entre as pessoas do mesmo turno, no outro não. Existe muito atrito entre os turnos, o único problema dentro da lavanderia é esse, uma quer mandar mais que a outra, quer resolver mais que a outra, muita fofoquinha, elas tem dificuldade de entendimento entre elas*” (Esmeralda, 42 anos).

Percebo que a distribuição de funções dentro da lavanderia, poderia ser um desencadeador de conflitos, pois como evidenciado acima, existe um confronto de interesses e de status dentro do grupo, contudo a distribuição de funções também poderia ser encarada como uma forma de aumentar a autonomia e liberdade do grupo, proporcionando o desenvolvimento do mesmo, porém para que essa autonomia se concretizasse seriam necessários trabalhos de intervenção que auxiliassem as integrantes a compreender o significado de uma associação, bem como seus objetivos. A inserção no grupo, me fez perceber que a lavanderia, funcionava primeiramente como ambiente propício a geração de renda, alguns atributos indispensáveis ao trabalho em grupo, como confiança, respeito e paciência muitas vezes foram deixados de lado, proporcionando a eclosão de inúmeros conflitos.

Embora a ALASTE tenha algumas características que a aproximassem do que preconiza uma associação, outros atributos a afastavam dessa forma de organização grupal. Não acredito que este grupo possa ser classificado como uma associação, dentro das abordagens teóricas que demarcam essa forma de organização, contudo algumas particularidades aproximam esse grupo do que realmente seria uma associação, nesse sentido foi perceptível que muitos passos ainda precisam ser dados, para que a Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha, possa ser de fato uma associação e usufruir dos benefícios que essa forma de organização proporciona.

CAPÍTULO 2

CONHECENDO O GRUPO E SUAS PARTICULARIDADES

Neste capítulo, procuro retratar as participantes da pesquisa e suas trajetórias de vida, com o intuito de compreender as construções sociais de gênero, envolvendo os papéis assumidos pelas mulheres nos contextos da família e da lavanderia. Além das lavadeiras, trouxe um relato sobre a secretária de desenvolvimento social e a diretora do centro social urbano, visando ampliar as discussões sobre gênero, família e trabalho.

2.1 Um breve relato sobre os sujeitos e suas histórias

ALANA

Alana possui trinta e oito anos. É casada e tem dois filhos, uma menina e um menino, que sempre se tornavam presentes em nossas conversas, pois a todo o instante ela falava dos seus filhos. Uma preocupação constante era a educação dos filhos, ela sempre estava muito atenta e acompanhava o desenvolvimento escolar dos dois. Alana mora no bairro Santa Terezinha desde que nasceu. A família possui casa própria, que está sendo construída nas proximidades da casa de sua mãe, a casa também sempre foi alvo das nossas conversas, pois a todo o momento era lembrada e sonhada em seus mínimos detalhes. A casa de Alana é próxima da lavanderia, sendo essa proximidade importante para conduzir os filhos para a escola e para os programas sociais oferecidos no bairro, que ficavam do lado da lavanderia.

Ela cursou todo o ensino fundamental e já trabalhou em outros lugares. Entrou na lavanderia quando foi fundada, depois saiu para trabalhar na padaria e retornou um ano depois. O retorno se deu principalmente pela menor carga horária trabalhada na lavanderia e também por não trabalhar nos finais de semana.

Ela realizava o ofício de lavar roupas, apenas como parte das atividades domésticas, nunca havia trabalhado prestando este serviço como fonte de geração de renda. Alana enfatiza que aprendeu esse ofício desde muito nova, com sua mãe, e foi aperfeiçoando-se ao longo do tempo, através de muita prática no dia a dia.

O marido de Alana trabalha como servente, sendo que todos os esforços do trabalho do casal estão direcionados para a construção da casa. Em suas conversas era evidenciada a felicidade e o contentamento que a construção da casa proporcionava. O

fato de ela poder contribuir com seu trabalho para a realização desse sonho gerava um sentimento de realização pessoal. Ela disse não ter interesse em sair da lavanderia, porém enfatizou que oportunidades melhores de salário poderiam fazer com que ela se afastasse.

ROSA

Rosa tem sessenta e três anos, é viúva, tem quatro filhas, sendo que Alana é uma delas. cursou parte do ensino fundamental, mas parou de estudar para trabalhar e ajudar financeiramente a família.

Rosa é uma mulher batalhadora que, após ficar viúva, enfrentou muitas dificuldades para criar suas filhas.

Em 2003 ingressou na lavanderia, mas já exerceu anteriormente a função de lavadeira na própria residência. afirmou ter aprendido a lavar roupas ainda quando criança, esse ofício foi ensinado por sua mãe que delegava o trabalho doméstico apenas para as filhas.

Apesar de ter se aposentado, Rosa não se desligou da lavanderia, pois gosta do trabalho e da relação que tem com as colegas, que se tornaram verdadeiras amigas. Ela considera que não está preparada para ficar em casa, sem trabalho.

Na ocasião da pesquisa, uma de suas filhas e o genro moravam em sua residência. Ela afirmou gostar da presença deles, pois o genro contribui com a realização das tarefas domésticas.

A pensão recebida pela morte do marido e o salário pago pelo trabalho na lavanderia, possibilitava a ela suprir suas necessidades básicas e ainda auxiliar os netos.

VITÓRIA

Vitória tem cinquenta e um anos, possui quatro filhos, sendo que apenas o menino de quinze anos mora com ela, as outras três filhas já são maiores de idade e estão casadas.

O nome que ela escolheu ser chamada, Vitória, veio ao encontro do momento vivenciado por ela. Durante a pesquisa de campo, Vitória se ausentou algumas vezes para realizar consultas; depois de realizado alguns exames, foi descoberto um câncer de pulmão em estado já avançado. Mesmo após a biópsia e alguns procedimentos médicos ela ainda permaneceu trabalhando. Segundo ela, o que mais lhe incomodava em saber

que estava doente era pensar que poderia ter que se afastar do trabalho. Alguns meses depois ela iniciou a quimioterapia e logo depois as radioterapias, que por seus efeitos colaterais fez com que ela se afastasse.

Tive a oportunidade de visitá-la em sua casa e percebi que, apesar de estar com o corpo abatido, demonstrava alegria e a vontade de viver. Ela disse que o que estava mais fazendo falta era o trabalho na lavanderia.

Vitória já trabalhou em diversos lugares como doméstica, em salão de cabeleireiro, como catadora de café e até como servente de pedreiro. Seu ingresso na lavanderia se deu há treze anos, quando ela estava passando por diversas dificuldades e procurou a prefeitura para pedir ajuda. Ao ir à prefeitura, foi informada sobre a existência da lavanderia e do curso que seria oferecido. Ela realizou o curso e passou a trabalhar na ALASTE. Vitória relata que o trabalho na lavanderia foi uma excelente oportunidade, pois era próximo da sua casa e o trabalho era apenas em um dos turnos, tornando possível cuidar do seu filho, que na época ainda era muito pequeno.

Vitória cursou parte do ensino fundamental, pois teve a necessidade de sair da escolar para trabalhar. Ela é natural de Muriaé, mas tem o sonho de se mudar para Campos/RJ, acha que a cidade deve ser muito boa para morar.

MARGARIDA

Margarida tem sessenta e três anos, e é uma mulher reservada. No princípio, fiquei bastante receosa com ela, pois não era de muita conversa e sempre estava com cara séria. Passado algum tempo, ela deixou que eu me aproximasse, porém, conversava muito pouco, aos poucos percebi que mesmo com as colegas, ela era muito reservada e expunha poucas opiniões. Seu maior companheiro na lavanderia era o rádio, todos os dias ela o levava para o trabalho. Ela é divorciada e tem quatro filhos, sendo que apenas um deles ainda reside com ela. Margarida é uma das integrantes da lavanderia que não reside no bairro Santa Terezinha, ela mora há 30 anos no bairro Bela Goulart, bairro vizinho ao Santa Terezinha. O percurso entre sua casa e a lavanderia era realizado a pé. Margarida é oriunda da zona rural.

Margarida começou a trabalhar desde muito nova, por isso não frequentou muitos anos de escola, apenas foi alfabetizada. Ela só conseguiu ingressar na lavanderia depois que se separou do marido, pois ele não permitia que ela trabalhasse fora, ela relatou que este era muito ciumento e não permitia que ela saísse de casa. Ela está na

lavanderia desde o início, e foi por meio de uma amiga que ficou sabendo do curso que iria capacitar as integrantes.

Margarida é uma pessoa dedicada ao trabalho, realizada suas tarefas com seriedade e não faz pausas. A maior alegria de sua vida é trabalhar, ter uma ocupação. Por isso, ela considera o final de semana os piores dias da semana. *“Sábado e domingo pra mim é ruim demais, gosto de trabalhar”* (Margarida, 63 anos). Sua perspectiva é permanecer na lavanderia até se aposentar.

JADE

Jade tem quarenta e três anos, é uma pessoa de personalidade forte e que não se deixa intimidar pelos outros ou pelas circunstâncias. É viúva, tem três filhos e possui um relacionamento estável. Ela mora em casa própria situada no bairro Inconfidência, sua família é oriunda da zona rural, mudou-se para a cidade de Muriaé quando ainda tinha sete anos.

Jade foi apenas alfabetizada, pois começou a trabalhar desde muito criança. Além da lavanderia, ela trabalhou como babá, doméstica, cabeleireira e em confecções. Ela está na lavanderia desde que o trabalho foi iniciado. Na época, seus filhos eram pequenos e a lavanderia oportunizou o ingresso no mercado de trabalho, pois era próximo da escola e da creche.

Jade foi a única participante que relatou receber auxílio do companheiro diariamente para a realização do trabalho doméstico, não sendo apenas uma ajuda esporádica como mencionado pelas demais participantes. Em seus relatos, Jade disse estar cansada e por vezes desanimada com o trabalho realizado, principalmente pelos conflitos vivenciados com uma das companheiras de turno, mesmo assim disse não ter vontade de sair, afirmando ficar na lavanderia até se aposentar ou até quando não aguentar mais.

ESTELA

Estela tem cinquenta e nove anos, é divorciada e tem três filhos. Mora com um irmão e uma neta, no bairro Porto, que fica próximo ao Santa Terezinha, ela realizava o percurso entre sua casa e a lavanderia a pé. A neta possui 15 anos e está estudando, não tendo qualquer renda, o irmão é aposentado e paga o aluguel da casa. As demais despesas são de responsabilidade de Estela.

Estela está na lavanderia há um ano, mas já trabalhou no setor de limpeza da prefeitura e em escolas. Ela começou a trabalhar na lavanderia porque estava desempregada. Ela não demonstrou interesse com o trabalho realizado, disse que não estava gostando e que quando surgisse uma oportunidade iria sair. O desinteresse dela está relacionado, principalmente, a problemas pessoais com uma das mulheres que trabalha no mesmo turno. Estela não frequentou a escola, sendo apenas alfabetizada. É uma pessoa

ESMERALDA

Esmeralda é diretora do centro social urbano e assessora pedagógica, é funcionária da prefeitura municipal há 10 anos e possui como formação profissional a pedagogia. É casada, mãe de uma menina de 16 anos e reside no bairro Santa Terezinha.

Esmeralda trabalha durante todo o dia no centro social urbano, sua mãe realiza a lavagem de suas roupas, como forma de ajudar a filha que trabalha fora. Guardar as roupas e arrumar a casa são responsabilidades compartilhadas entre ela e sua filha. Como o centro social urbano oferece refeições para as crianças Esmeralda almoça no trabalho e sua filha na casa da avó. As despesas da casa são compartilhadas entre ela e o marido.

Esmeralda não possui nenhuma função específica dentro da lavanderia, seu cargo está estritamente relacionado ao trabalho dentro do CSU. Contudo, pela proximidade com a lavanderia, a prefeitura possibilitou que essa funcionária amparasse as associadas nas questões que elas não conseguissem resolver.

Um dos problemas enfrentados por Esmeralda dentro dessa situação é o fato de muitas vezes ela ser responsável por intervir na tomada de decisão nos casos em que não há acordo entre as integrantes da lavanderia. Nesses casos, a decisão final é de Esmeralda.

Esmeralda menciona que procura fazer o seu trabalho da melhor maneira possível, pois acredita que o trabalho social tem que ser feito com muito amor, carinho e dedicação, contribuindo para o desenvolvimento dessas mulheres. Entretanto, ela relata que o trabalho não é fácil e que, por vezes, ela se sente sobrecarregada.

AMETISTA

Ametista é secretária de desenvolvimento social do município de Muriaé durante a gestão 2013/2016, possui curso superior. Ela é casada e possui dois filhos, sendo um graduado em jornalismo e o outro em direito. Na sua casa, todos trabalham fora e possuem ensino superior completo. Assim, ela tem uma funcionária que realiza os serviços domésticos, porém mesmo com a presença da funcionária, argumenta que há sempre o que fazer em casa. O marido arca com a manutenção financeira da casa, mas cada um possui sua renda, sendo todos independentes. Ela disse empregar sua renda para suprir suas necessidades pessoais e em algumas situações para aquisição de bens que se fazem necessário na casa. Ametista arca com a responsabilidade de pagar o salário à empregada doméstica. O relato de Ametista foi o que mais se distanciou do universo com o qual o trabalho foi realizado, principalmente pelo nível de instrução e poder aquisitivo.

2.2 Caracterização Social das Lavadeiras da ALASTE

Nesse tópico foi esboçado a caracterização sociocultural e econômica das seis mulheres que atuavam na lavanderia e que se dispuseram a participar da pesquisa. A partir do cruzamento dos aspectos relacionados ao sexo, idade, estado civil, número de filhos, escolaridade e renda, procurei contextualizar a realidade pessoal das participantes da pesquisa. Nesse sentido, foi elaborado um quadro a fim de proporcionar uma melhor visualização e compreensão dos dados apreendidos.

Na ocasião da pesquisa, a ALASTE era composta exclusivamente por mulheres. A única participação masculina na lavanderia era do moto-boy que realizava serviço de entrega das roupas, quando os clientes requisitavam. Essa condição demonstrava a reprodução das construções de gênero a respeito do lugar feminino, evidenciando as atividades de higienização de roupas como eminentemente femininas, sendo um prolongamento das atividades domésticas.

A idade das lavadeiras variou entre 38 e 63 anos. Três delas eram apenas alfabetizadas, duas possuíam ensino fundamental incompleto e uma possuía ensino fundamental completo. Esses dados mostraram que a atividade de lavar roupas pode ser

desenvolvida por pessoas com faixas etárias e níveis de instrução diferenciados, promovendo o convívio de pessoas com características distintas.

Quadro 1: Perfil das Entrevistadas

| Nomes* | Grau de Escolaridade | Estado Civil | Renda pessoal (Salário mínimo) | Nº de filhos | Renda Familiar (Salário mínimo) | Idade |
|---------------|-------------------------------|---------------------|---------------------------------------|---------------------|--|--------------|
| Jade | Não- Alfabetizada | Viúva | Menor que 1 | 3 | 1 A 3 S.M | 43 |
| Estela | Alfabetizada | Divorciada | Menor que 1 | 3 | 1 A 3 S.M | 59 |
| Margarida | Alfabetizada | Divorciada | Menor que 1 | 4 | 1 A 3 S.M | 63 |
| Vitória | Ensino Fundamental Incompleto | Casada | 1 a 3 | 4 | 1 A 3 S.M | 51 |
| Rosa | Ensino Fundamental Incompleto | Viúva | 1 a 3 | 4 | 1 A 3 S.M | 63 |
| Alana | Ensino Fundamental Completo | Casada | Menor que 1 | 2 | 1 A 3 S.M | 38 |

* Foram utilizados nomes fictícios para evitar exposição e reconhecimento das participantes.

No que diz respeito ao estado civil, duas delas eram casadas, duas eram divorciadas ou separadas e duas eram viúvas. Todas possuíam filhos, cujo número variou entre 2 e 4 filhos.

Em relação à renda mensal individual, quatro delas afirmaram obter rendimentos inferiores ao salário mínimo, proveniente exclusivamente das cinco horas diárias de trabalho na lavanderia. No período em que estive presente, o salário obtido variou de quinhentos reais até setecentos e cinquenta reais, sendo que o salário mínimo no período era de setecentos e oitenta e oito reais (2015). Duas informantes alegaram que sua renda variava entre um e três salários mínimos, pois recebiam benefícios do governo (pensão por morte do marido). Sobre a renda familiar mensal, todas as informantes alegaram uma variação entre um e três salários mínimos. Dentre as quatro informantes que possuíam apenas a lavanderia como fonte de renda, houve essa variação, pois existia a contribuição de outros membros familiares como marido e filhos.

No que se refere ao local onde residiam, quatro integrantes disseram possuir moradia própria, uma residia em casa alugada e outra morava em uma casa cedida (emprestada) por um de seus irmãos. Quando perguntei se existia satisfação em residir em Muriaé, cinco das informantes disseram gostar e apreciar o modo de vida na cidade,

uma informante disse que a filha tem muito desejo de levá-la para residir em Campos/RJ, mas foi enfática em dizer que não vai se mudar de Muriaé, MG. Apenas uma das entrevistadas afirmou não apreciar a vida nesse município, destacando o interesse em se mudar para Campos, RJ. Segundo essa informante não existia opções de lazer em Muriaé, para ela Campos, RJ possui muitas opções e atrações de entretenimento.

Das seis integrantes, três residiam no próprio bairro Santa Terezinha e as outras em bairros vizinhos. A proximidade da lavanderia com as residências era vista como um aspecto positivo e relevante para que elas possam trabalhar, uma vez que a distância entre a casa e o trabalho pode dificultar a atuação destas mulheres no mercado de trabalho, principalmente se relacionarmos essa questão com as atribuições ligadas ao trabalho doméstico e aos cuidados com os filhos. *“Pra mim a maior vantagem é ser perto de casa” (Alana, 38 anos).* *“Gosto, porque é mais perto de casa” (Rosa, 63 anos).* Outra informante evidenciou a importância de residir próxima ao emprego, *“na época não trabalhava pra fora porque os filhos eram pequenos, aí aqui foi bom porque era mais perto da creche e do emprego” (Vitória, 51anos).*

2.3 Aprendizagem do ofício de lavadeira

Neste tópico procurei compreender as especificidades ligadas à aprendizagem do ofício de lavar roupas, nesse sentido, explorei alguns dos questionamentos realizados durante o tempo que estive presente na lavanderia tais como: De que forma elas aprenderam esta atividade? Porque são as mulheres que se ocupam com a higiene das roupas? Porque não há homem trabalhando na lavanderia?

Por meio das conversas realizadas durante a observação participante procurei compreender a trajetória dessas mulheres, principalmente através da percepção das delas, procurando contrapor as informações com teorias de gênero e divisão sexual do trabalho. A confrontação dos dados empíricos e teóricos mostrou o quanto as construções tradicionais de gênero sobre o “lugar da mulher” e o “trabalho da mulher”, ainda encontram-se presentes na nossa sociedade.

Para Guacira Louro (2001, p.21), o conceito de gênero refere-se às características que se atribuem ao feminino e ao masculino que são definições históricas e socialmente

construídas nas e pelas sociedades. “Os termos feminino e masculino não são definidos pelas características sexuais que difere corpos de “homens” e de “mulheres”, mas pelas representações e valores socialmente construídos, em uma dada sociedade e em um dado momento histórico, em torno desses dois sexos”.

As particularidades anatômicas relacionadas ao poder de procriação feminina como o útero e os seios, por exemplo, são utilizados para sustentar a desigualdade entre os sexos e a divisão sexual de trabalho. Muitas das diferenças físicas existentes entre homens e mulheres são usadas para ampliar as desigualdades, como se diferença e desigualdade fossem expressões com sentido próximo.

As características anatômicas e fisiológicas são usadas para inferir algumas desigualdades entre homens e mulheres, sendo as relacionadas ao mundo trabalho frequentes. Koss (2000) afirma que:

Como seres culturais, nossa identidade sexual não é determinada exclusivamente pela biologia, mas essencialmente definida pela cultura que, por sua vez, se baseia em nossas crenças a respeito do mundo e do papel que nele desempenhamos (KOSS, 2000, p.153).

Pierre Bourdieu (2003) endossa essa discussão ao afirmar que a diferença biológica e anatômica entre os órgãos sexuais masculinos e femininos pode

[...] ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. O trabalho de construção simbólica se complementa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos, isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero [...] (BOURDIEU, 2003 p.20-33).

As configurações de gênero cooperam para que algumas atividades sejam apontadas como eminentemente femininas ou masculinas, criando uma separação tênue entre as atividades “adequadas” a cada sexo e que implicam em sentidos e valores diferenciados.

Essas representações sociais acompanham esse ofício de lavar roupas, mesmo quando ele é realizado nas lavanderias comunitárias, um espaço fora do lar. Já nas lavanderias industriais, o trabalho é resignificado, podendo frequentemente ser realizado por pessoas do sexo masculino. A presença dos homens nesse espaço tem uma conotação ligada à força necessária para lidar com peso e o manejo de máquinas

industriais, o trabalho nas lavanderias industriais não abala as construções de gênero em torno da masculinidade.

Aiello, (2007) certifica essa assertiva quando constata nas lavanderias do Distrito Federal um número de quatro mulheres para cada homem trabalhando nesse seguimento. Contudo seu trabalho demonstra que mesmo existindo mais mulheres nesse serviço, os cargos de chefia e administração são ocupados predominantemente por homens. Suas análises constataram que, das quarenta e duas lavanderias vinculadas ao sindicato da categoria, apenas treze são administradas por mulheres, ou seja, apenas 30% das lavanderias são administradas por mulheres sendo os outros 70% por homens, isso ocorre mesmo existindo mais mulheres inseridas nas lavanderias. “Mesmo nas lavanderias industriais as mulheres ainda competem com o homem por vagas e salários iguais” (Aiello, 2007, p. 20). O mercado de trabalho ainda é competitivo e gerador de uma discrepância preconceituosa, sobretudo, com relação à mulher (AIELLO, 2007, p. 23).

Na maioria das situações os afazeres domésticos são conferidos às mulheres de maneira que, evidenciem que estas nasceram biologicamente predispostas à realização destas tarefas, como se essas atividades não necessitassem de aprendizagem como em tantas outras atividades realizadas entre os homens, por exemplo, embora as configurações de gênero envolvam um longo processo de socialização que inicia na infância e continua na vida adulta.

Conforme relato das seis participantes, o aprendizado da lavagem de roupas e conseqüentemente a responsabilidade com o cuidado das roupas da família eram responsabilidade feminina, estas atividades foram aprendidas com a mãe ou com irmãs mais velhas, cujos discursos apontavam que ajudar no trabalho doméstico era obrigatório, e isto se iniciava quando elas ainda eram crianças. Relataram ainda que o trabalho familiar, o cuidado com a casa, passar, lavar, cozinhar e o cuidado com os filhos ou irmãos eram responsabilidades femininas, enquanto que os homens tinham atribuições fora dos lares, com o intuito de prover recursos financeiros para a manutenção da família. Assim, os irmãos acompanhavam o pai, sempre envolvidos em atividades habitualmente desenvolvidas por homens. “Quando eu era nova, era eu que ajudava a mãe, sempre lavei roupa, desde pequena” (Jade, 43 anos). “Eu aprendi a lavar roupa com minha mãe, minhas irmãs também, foi ela que ensinou a gente a lavar e arrumar casa” (Alana, 38 anos).

Visando compreender aspectos ligados ao compartilhamento das atividades domésticas e a dupla jornada de trabalho, foi perguntado às participantes quem eram os responsáveis pelas tarefas domésticas. Cinco das mulheres afirmaram possuir toda a responsabilidade com as tarefas de casa, sendo que em dois casos, não existe contribuição por nenhum membro da família e, em três deles existia “ajuda”, por parte dos filhos, marido e genro, porém esse auxílio não era constante. Esta “ajuda” acontecia apenas quando eles não estavam envolvidos com outras atividades. *“Na minha casa tudo é minha responsabilidade, mas quando o marido tem tempo ele ajuda” (Alana, 38 anos).* *“Meu filho faz nada, vai pra escola e depois dorme o dia inteiro, tem dia que lava vasilha, lava mal lavado mais lava” (Vitória, 51 anos).*

Em apenas um dos casos estudados, existia compartilhamento das tarefas, no qual o marido tinha responsabilidades permanentes *“O marido faz almoço e arruma casa”* (Jade, 43 anos). Esta informante possuía como responsabilidades lavar e passar as roupas, realizar compras e auxiliar o filho nas atividades escolares.

Cruz (2006) evidencia que as trajetórias de socialização de homens e mulheres na família e no mundo do trabalho implicam na ocupação diferenciada dos espaços, privado e público, em especial dos espaços, da casa e de trabalho. Essa discussão remete às implicações que a dupla jornada de trabalho acomete as mulheres, já que as responsabilidades com o trabalho de reprodução no espaço doméstico ficam sobre sua responsabilidade, mesmo estando envolvidas com trabalho de produção em outros ambientes, como verificamos nas informações prestadas pelas associadas.

A divisão sexual do trabalho implica, de acordo com Holzmann (2002, p.82), na separação entre as atividades consideradas mais apropriadas para “homens” e para “mulheres”. Essa definição varia de uma sociedade para outra, mas comumente às “mulheres” é atribuída a responsabilidade da reprodução e do cuidado com o ambiente doméstico e com os membros nesse espaço. Do “homem”, espera-se que ele consiga um emprego no espaço público.

Laraya (2001) enfatiza que a cultura tem papel fundamental na construção do que somos e do que nos tornamos ao longo do tempo. O autor mostra como a cultura age sobre os indivíduos e a sociedade de forma diferenciada. Ou seja, sendo socializados de maneiras distintas, homens e mulheres vivenciam a cultura na qual estão inseridos de formas diferentes. Foi perceptível ao longo do trabalho que as construções sociais

referentes aos papéis desempenhados por homens e mulheres foram eficientes para proporcionar as condições experimentadas pelas mulheres participantes desta pesquisa.

A divisão sexual do trabalho impõe barreiras precisas, designando o que seria trabalho feminino e trabalho masculino. Embora não haja algo concreto que impossibilite o trabalho de homens em lavanderias comunitárias como a ALASTE, a probabilidade dos homens assumirem esse trabalho é menor que as mulheres. No caso da ALASTE, nos treze anos de sua existência, não existe nenhuma relato de participação masculina. Esta é uma questão que novamente nos faz repensar a divisão de tarefas baseada no sexo.

Segundo Lobo (1991, apud CARLOTO, 2001, p. 206):

A divisão sexual do trabalho assume formas conjunturais e históricas, constrói-se como prática social, ora conservando tradições que ordenam tarefas masculinas e tarefas femininas na indústria, ora criando modalidades da divisão sexual das tarefas. A subordinação de gênero, a assimetria nas relações de trabalho masculinas e femininas se manifesta não apenas na divisão de tarefas, mas nos critérios que definem a qualificação das tarefas, nos salários, na disciplina do trabalho. A divisão sexual do trabalho não é tão somente uma consequência da distribuição do trabalho por ramos ou setores de atividade, senão também o princípio organizador da desigualdade no trabalho.

A divisão sexual do trabalho presente em nossa sociedade não pode ser encarada como algo inerente ao fato de sermos homens ou mulheres. Para Torres (2006, p.05) não se pode conceber a divisão sexual do trabalho como algo natural, deve-se entendê-la como algo fruto da organização da sociedade, onde a cultura, a religião e o mercado podem estar diretamente envolvidos na construção destes padrões.

O fato de atuar em uma lavanderia comunitária, exercendo atividades atreladas ao universo doméstico, pressupõe alguma relação com as construções sociais de gênero. As atividades desenvolvidas na lavanderia estão fortemente ligadas ao que socialmente é vinculado ao universo feminino. Exemplo disso são as piadas do tipo “*essa é pra casar*” fazendo referência às mulheres que cozinham bem, por exemplo, contudo, não são frequentes os usos dessas piadas para homens. Como já enfatizado anteriormente as atividades relacionadas ao ambiente doméstico e ao cuidado familiar são sistematizadas dentro do que seria o mundo feminino, como se não houvesse nenhuma relação entre as atividades exercidas por ambos os sexos.

Capitani e Garavelo (2007) afirmam que o lugar das “mulheres” foi determinado por questões históricas que tradicionalmente designaram aos “homens” os postos de comando, as atividades de domínio da ciência e, às mulheres, as atividades auxiliares, de assistentes, na maioria das vezes manuais e muito pouco especializadas, muitas vezes, realizadas no próprio ambiente doméstico. Estas habilidades difundidas histórica e culturalmente em relação ao trabalho feminino tendem a se transformar em “competências” naturais às mulheres.

Mesmo enfrentando barreiras resultantes do processo de socialização por gênero, que resulta em tantas barreiras sociais, muitas mulheres têm conquistado seu espaço no mercado de trabalho. A luta pela equidade nas melhores condições de trabalho e salários ainda persiste, uma vez que essas conquistas não extinguiram as desigualdades que o mercado de trabalho impõe as mulheres.

De acordo com Leone e Baltar (2006), apesar de a industrialização, com consequente participação das “mulheres” no setor público, ter contribuído para uma relativa independência econômica feminina, não foi suficiente para reverter as desigualdades de gênero no mercado de trabalho, que passou a se manifestar em salários inferiores, menos direitos trabalhistas e previdenciários, maior índice de desemprego, maior informalização do trabalho e ocupações socialmente compreendidas como de menor prestígio social.

Antunes (2000, p. 109) afirma que, as relações de gênero proporcionam uma construção social sexuada, na qual os espaços de produção e reprodução são ocupados por homens e mulheres de maneiras diferenciadas, principalmente pela formação distinta oferecida aos dois sexos. Este autor ainda afirma que “o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho” (2000, p. 109).

O contexto de vida e de trabalho no qual estão inseridas as mulheres que atuam na ALASTE confirma que as relações e as construções sociais de gênero anteriormente exposta por Antunes (2000), continuam a manifestar-se. A compreensão dessas construções auxilia de forma significativa para a percepção das desigualdades firmadas no mundo do trabalho entre homens e mulheres, contudo esse trabalho evidenciou que essas assimetrias são mais incisivas entre mulheres de camadas sociais mais baixas, nas quais as condições financeiras, educacionais e sociais são mais precárias.

CAPÍTULO 3

GÊNERO, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E TRABALHO FEMININO

Neste capítulo faço uma discussão sobre gênero e trabalho, abordando questões ligadas à divisão sexual do trabalho, as especificidades do trabalho feminino, o menosprezo pelo doméstico e, por fim, teço um comentário sobre as vivências proporcionadas pela pesquisa científica.

3.1 Gênero e Trabalho

Gelinski e Ramos (2004) afirmam que a inserção gradativa das “mulheres” no mercado de trabalho contribuiu para acentuar as contradições ao modelo de família patriarcal que fundamentou, em grande parte, representações e práticas no contexto das unidades familiares. Ainda segundo esses autores, na sociedade econômica patriarcal em que a relação entre grupos dominadores e dominados era reforçada, a “mulher” era, também, vítima do domínio do “homem”. A própria legislação reforçava a delimitação dos espaços públicos e privados da vida em sociedade.

O Código Civil de 1916 em seus artigos 233 e 240, mostra a especificidade das funções desempenhadas pelo casal. Ao homem caberia representar legalmente a família, administrar os bens comuns e os da mulher, bem como prover a manutenção do grupo familiar. A mulher teria a função de companheira e colaboradora nos encargos da família, cumprindo sua função de zelar material e eticamente por sua família.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho foi e ainda é marcada por diversas manifestações e lutas. O movimento feminista que se espalhou pelo mundo e que mais tarde chegou ao Brasil (fim do século XIX) foi crucial para todas as conquistas femininas. No entanto, mesmo depois de algumas décadas, ainda persistem desigualdades envolvendo homens e mulheres.

Perrot (1988) constrói abordagens referentes à participação feminina nas esferas públicas e privadas concentrando seus esforços nas abordagens referentes ao poder concedido a esse sexo. Traz informações que evidenciam a construção do espaço

público como masculino e o privado como feminino, mostrando as lutas femininas por direitos concedidos apenas aos homens.

Perrot (1988) enfatiza as condições de trabalho em Paris durante o final do século XIX e início do século XX, destacando as condições desiguais vivenciadas pelas mulheres, bem como a subordinação a que eram submetidas. Em sua obra são realçados os lavadouros, conhecidos também como lavanderias. Esses locais foram considerados ambiente propício para a articulação feminina. “É que o lavadouro é para elas muito mais do que um lugar funcional onde se lava roupas” (PERROT, 1988. p.202). “Os lavadouros são locais de feminismo prático” (PERROT, 1988. p.203). As lavanderias eram consideradas nessa época locais favoráveis a articulação feminina, contudo eram espaço controlados e vigiados constantemente por homens.

Apesar das importantes literaturas que versam sobre o trabalho feminino, o menosprezo, inferiorização e desrespeito das mulheres pelos homens no início do século XX foi retratado com rigor de detalhes no filme *As Sufragistas*, dirigido por Sarah Gavron e lançado no Reino Unido em outubro de 2015, cuja trama cinematográfica se passa em 1912, na Inglaterra. O enredo central do filme se dá em torno da luta feminina pelo direito ao voto, além de apontar outros desafios que as mulheres enfrentavam na época.

O filme mostra o trabalho feminino e infantil no contexto de uma lavanderia, na qual as condições de trabalho eram sub-humanas. As cenas demonstram que as mulheres trabalhavam arduamente, cumprindo uma jornada que excedia a 12 horas diárias, cujas condições eram insalubres, sendo o assédio sexual prática comum nesse ambiente, além de receberem menores salários que os homens. Além do trabalho na lavanderia, as mulheres eram responsáveis por todo o trabalho familiar relativo ao cuidado com a casa, filhos e maridos. Nesse período as mulheres não possuíam direitos legais, como votar, disputar a guarda dos filhos, administrarem os próprios bens e exercer atividades parlamentares.

As discussões de Michelle Perrot (1988) vinculadas ao debate trazido pelo filme demonstram a ameaça que as mulheres representavam para os homens. O debate travado nessa pesquisa evidencia que ainda hoje as mulheres estão a ameaçar os homens. Uma das participantes da pesquisa evidenciou em seu discurso que: “*Meu marido não deixava eu trabalhar, aí quando separei eu vim pra cá*” (Margarida, 63 anos). Essa informação nos faz perceber que trabalhar fora do ambiente doméstico,

pode proporcionar intimidação e preocupação masculina. O fato das mulheres alçarem vãos mais altos, através da obtenção de renda, do convívio social, das trocas de conhecimento, da ampliação de experiências, da troca de ideias, provoca desconforto e ameaça a dominação exercida pelos homens.

Para Perrot (1988, p. 169 -170) existe uma necessidade de superação do discurso opressor que paira sobre as mulheres e sua história. É necessário evidenciar sua presença, suas ações, a importância de seus papéis e a existência de seus poderes.

Comparando o contexto do filme e as discussões de Michelle Perrot com a realidade empírica das mulheres atuantes na lavanderia de Muriaé, nota-se que após 104 anos, os episódios de violência, violação dos direitos femininos, desigualdades e subordinação são recorrentes na atualidade. Mesmo se tratando de um filme de época sua discussão se faz pertinente na contemporaneidade, visto que as assimetrias de gênero ainda são persistentes em nossa sociedade. Por outro lado, avanços também ocorreram. A lavanderia onde o estudo foi realizado não estava sobre a responsabilidade masculina, não existia um chefe comandando a lavanderia e suas integrantes. Esse aspecto possibilitou maior autonomia, as mulheres passaram a ter controle sobre suas atividades profissionais, não ficando sobre a supervisão masculina. Mesmo vivenciando inúmeras adversidades e experimentando condições de trabalhos difíceis, a inserção na lavanderia fez com elas pudessem tomar suas próprias decisões, a lavanderia possibilitou a capacidade de agenciamento entre elas.

Ortner, (2006, p. 25), amparado nas discussões estabelecidas por Giddens (1979) sobre a “dialética do controle”, argumenta que se torna difícil o funcionamento perfeito dos mecanismos de controle, pois as pessoas possuem capacidade de articulação e agenciamento, sendo portadoras de estratégias que minimizam ou mesmo diminuem o controle exercido sobre elas. Nessa perspectiva ficou evidente, que as lavadeiras participantes da ALASTE, mesmo perpassando por diversas dificuldades, detém a capacidade de agenciar sua vida, enquanto mulher e esposa, mas também enquanto integrante de um grupo de trabalho remunerado. *“É um serviço tranquilo, não tem briga não tem nada, a gente conversa, se diverte, ri, brinca então a gente trabalha alegre.” (Margarida, 63 anos).*

Nessa perspectiva, são necessários debates que articulem as relações de trabalho e gênero em diferentes contextos, desvelando os meandros onde as desigualdades de gênero são produzidas e reproduzidas, contribuindo para a

manutenção das disparidades entre as atividades exercidas por homens e mulheres. Neves (2003), citando Souza Lobo (1991) argumenta que:

A incorporação do gênero aos estudos sobre a temática do trabalho possibilitou pensar novas questões que se articularam a construção da identidade e da subjetividade de homens e mulheres trabalhadores. Além disso, a análise de relações de gênero permitiu compreender as relações hierárquicas de poder que se estabelecem na sociedade entre homens e mulheres, tornando visíveis as desigualdades e as discriminações do trabalho feminino (NEVES, 2003 p.412).

É necessário compreendermos que o termo gênero remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas. A elaboração desse conceito se deu principalmente em função da necessidade de desnaturalizar as atribuições de homens e mulheres baseadas principalmente em atributos biológicos. O intuito foi o afastamento da denominação sexo, que remete a essas diferenças biológicas. O termo gênero passou a ser utilizado para fazer referência ao caráter social e cultural presente nas diferenciações estabelecidas entre masculino e feminino (PISCITELLI, 2009, p. 119).

No caso da presente pesquisa, o campo de estudo possibilitou o debate sobre as construções relativas ao trabalho feminino na lavanderia, enquanto possibilidade de trabalho remunerado. “*É, porque a gente tem o dinheiro da gente né, e ocupa a cabeça, a mente*” (Margarida, 63 anos). “*A gente tem que ter a independência da gente né, ficar nas costas de homem Deus me livre*” (Vitória, 51 anos). “*Acho bom ter o dinheiro da gente, pior coisa é pedir pra homem*” (Estela, 59 anos). Para todas as mulheres em estudo, a ALASTE não foi a primeira experiência com o trabalho remunerado, pois todas já haviam trabalhado antes. Locais como escolas, confecções, serviços gerais em prefeitura e armazéns, doméstica, salão de beleza, babá e atividades desenvolvidas na própria residência, foram algumas das experiências profissionais. Porém, o que merece destaque, foi o fato de todas as atividades, estarem ligadas ou a funções de cuidado ou ao universo doméstico.

Apesar de as funções exercidas por elas fazerem referência ao que a sociedade designou como trabalho feminino, Vitória trouxe uma informação que destoou das demais. Ela disse ter exercido várias atividades, tais como “*doméstica, em salão, catadora de café e **servente de pedreiro**, o que caísse na rede era peixe... rsrs*” (Vitória, 51anos). A menção ao “bico” como servente de pedreiro, uma profissão construída socialmente como masculina por exigir força física, destreza e agilidade. Apesar de vista

como uma função masculina, o próprio nome da profissão diz que ela está voltada a servir, ajudar o pedreiro no que for necessário, ou seja, na hierarquia de gênero, mesmo quando uma das mulheres em estudo está envolvida em atividades pertencentes ao universo masculino, sua inserção ocorre em atividades com menor prestígio, na qual a subordinação aos homens se faz presente. Apesar de Vitória experimentar esse cargo “masculino” como uma possibilidade, ela não continuou realizando essa atividade. A não permanência se deu principalmente pelo desgaste físico, segundo Vitória o trabalho como servente era muito cansativo, o surgimento de outras oportunidades de emprego também contribuiu para que ela não permanecesse.

Em relação às construções sociais de gênero, Neves (2013, p. 411) argumenta que:

São as relações sociais que fundamentam os lugares e as práticas de homens e mulheres na divisão do trabalho e suas transformações. A soma das competências adquiridas pelos trabalhadores(as) na família, na escola e na empresa, forma um conjunto de saberes e habilidades que serão apropriados no local de trabalho.

A premissa apresentada por Neves pode ser compreendida ao refletirmos sobre as brincadeiras introduzidas na vida das crianças. Desde muito cedo apreendemos quais são as brincadeiras de meninos e meninas, logo começamos a perceber que brincar de carrinho e jogar bola, por exemplo, são diversões que cabem apenas aos meninos, enquanto que meninas devem brincar de casinha, cuidando das bonecas e fazendo comidinha. Essas construções realizadas ainda quando crianças, vão sendo reforçadas à medida que o tempo passa, vindo a se infiltrar de forma naturalizada na vida adulta, causando problemas muito maiores do que as brigas travadas pelas meninas para jogarem bola ou brincar com os atrativos carrinhos.

Ainda conforme esse autor, as representações de gênero são construídas social e culturalmente, e influenciam a entrada de homens e mulheres no mundo do trabalho e se constroem como fator fundamental da segmentação ocupacional e da divisão sexual do trabalho (NEVES, 2013, p.413).

A divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto, a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através

do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (BRITO E OLIVEIRA, 1998, p. 252).

Rago (1998) argumenta que as reflexões a respeito das mulheres deveriam ir além das questões biológicas, pois os indivíduos são construídos baseados em questões sociais e culturais. Dessa forma, as diferenças biológicas não deveriam ser consideradas critérios de distinção. A formação de homens e mulheres e conseqüentemente suas atitudes sociais são embasadas em discursos que buscam disciplinar e condicionar cada qual ao papel instituído. A autora ainda destaca que:

Apesar da imposição de um modelo de divisão sexual do trabalho, o mesmo nem sempre é percebido na realidade empírica, muitas vezes pela sua inoperância e pela impossibilidade de acontecer na prática. O sujeito não deve ser tomado como ponto de partida, mas considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. (RAGO, 1998)

Nos discursos das participantes da pesquisa, a divisão sexual do trabalho é uma constante no âmbito familiar. As relações sociais e familiares são marcadas por essa divisão, na qual os trabalhos relativos ao ambiente doméstico são responsabilidades exclusivas das mulheres, mesmo que essas estivessem trabalhando no ambiente público. *“Tudo é eu que faço, tem ajuda de ninguém não” (Jade, 59 anos)*. Essa não foi uma característica exclusiva das mulheres atuantes na lavanderia. Mesmo em situações nas quais as mulheres possuem maior nível de instrução e alcançam melhores salários as atribuições relacionadas à família ficam sob sua responsabilidade.

A diretora do CSU, graduada em pedagogia evidenciou este aspecto em seus dizeres. *“Na minha casa eu não lavo, porque trabalho o dia inteiro aí não dá tempo é minha mãe que lava na máquina. Eu guardo as roupas, arrumo minha casa, mas divido as tarefas com minha filha. Eu tenho uma filha que vai fazer 16 anos, divido com ela também para ela aprender.*

Quando indagada sobre as atividades domésticas ela responde: *“O sábado inteiro a gente fica por conta disso (trabalho doméstico), durante a semana é só organizar, no sábado é que a gente arruma, limpa, guarda pra poder começar uma nova semana.”*

Em alguns relatos, percebo que a delimitação das atribuições femininas torna-se enraizadas, de forma que as próprias mulheres utilizam os discursos veiculados pela sociedade. *“Tem hora que a gente até gosta que ajuda mas tem hora que atrapalha, tem*

serviço que não é pra homem mesmo não” (Alana, 38 anos). Nas anotações realizadas em uma caderneta, em diferentes momentos, percebi que as integrantes da lavanderia se referiam ao trabalho de lavar roupas como algo que elas executavam de forma natural, não percebendo que essa foi uma atividade aprendida como tantas outras. Uma das mulheres afirmou gostar de trabalhar na lavanderia, porque realiza uma atividade que já sabe como fazer. Seguindo essa orientação pode-se dizer que o homem vê e reflete o mundo a partir de discursos interiorizados, que são determinados historicamente e socialmente. Isso demonstra que quanto mais o discurso é naturalizado, maior é a sua força. (BOURDIEU, 1998).

Carlotto (2002) afirma que alguns fatores contribuíram para a expansão do trabalho feminino, dentre eles está a deterioração dos salários dos trabalhadores, que obrigou as mulheres a buscar uma complementação para a renda familiar. Essa assertiva corrobora os dados da pesquisa empírica na ALASTE. Quando questionadas sobre as motivações que as levaram a ingressar na lavanderia, a renda foi considerada a principal motivação para todas, mesmo existindo outras variáveis que contribuíram para a associação à lavanderia. Todas citaram a importância da renda como fator que despertou o interesse por trabalhar na lavanderia, o fato de estar situada em um bairro periférico do município de Muriaé/MG, contribuiu para que essas mulheres procurassem por uma oportunidade de emprego que possibilitasse a contribuição financeira, mas que também permitisse os cuidados com o lar. Outro fator que apresentou-se como motivação para a inserção na lavanderia foi o nível de escolaridade. As integrantes da lavanderia possuíam baixos níveis de escolaridade, sendo esta uma variável que dificultava o acesso a outras oportunidades de trabalho. Dessa forma a lavanderia se apresentou como uma oportunidade dentro da realidade experimentada por elas.

O trabalho na lavanderia é uma forma que as mulheres pesquisadas encontraram de se inserirem no mercado de trabalho, realizando atividades que elas executavam em seus lares. O ingresso na lavanderia foi possibilitado pelo fato dessa atividade não requerer especializações e maior nível de escolaridade. A inserção na lavanderia está atrelada ao fato destas não alcançarem melhores oportunidades no mercado de trabalho e também pela possibilidade de conjugarem o trabalho na lavanderia com o trabalho doméstico familiar. A localização da lavanderia próxima às residências também foi um fator considerado relevante.

BRUSCHINI (1998) evidencia que:

Nunca é demais repetir que a manutenção de um modelo de família patriarcal, segundo o qual cabem às mulheres as responsabilidades domésticas e socializadoras, bem como a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico, condicionam a participação feminina no mercado de trabalho a outros fatores além daqueles que se referem à sua qualificação e à oferta de emprego, como no caso dos homens. A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como a características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Fatores como esses afetam a participação feminina, mas não a masculina, no mercado de trabalho. (BRUSCHINI, 1998, p. 04)

As construções de gênero, citadas por Bruschini (1998), fazem com que as mulheres de forma geral, desenvolvam mecanismos que auxiliem o ingresso no mercado de trabalho. Esta é uma característica notável, nos diversos grupos de mulheres, porém o que conseguimos reter é que estas artimanhas tornam-se mais visíveis quando tratamos de mulheres de camadas populares, como as que atuam na ALASTE.

Foi perceptível que o trabalho familiar é considerado algo intrínseco às mulheres, apresentando-se como algo intrasferível aos homens. Trabalhos familiares são continuamente tidos como obrigações femininas, e como afirma Durham (1983, p. 33), a ocupação feminina é definida como “ajuda” ao marido e, portanto subordinada e meramente complementar na manutenção da casa. Durante a realização da pesquisa, vários relatos mostraram a conotação que o trabalho feminino realizado dentro dos lares assumia, cinco das participantes referiam-se a este trabalho como um compromisso exclusivo, mesmo trabalhando na lavanderia, os afazeres domésticos lhes era atribuído de maneira particular. “*A filha e o genro ajudam nos finais de semana, mais só na faxina mesmo. Se for semana que eu trabalho de manhã ele faz o almoço né? Ele tá parado recebendo fundo de garantia, aí ajuda quando pode*” (Rosa, 63 anos). Ao ser indagada se existe alguém que auxilia nas atividades domésticas, uma das participantes respondeu. “*Não, só eu mesmo*” (Estela, 59 anos).

Na divisão sexual do trabalho, as atividades masculinas realizadas fora de casa têm sido valorizadas socialmente, por serem geradoras de valores, principalmente atrelados aos rendimentos financeiros, por outro lado o trabalho familiar exercido por

mulheres não possui o mesmo prestígio, se apresentando como não trabalho, por não ser gerador de lucros. Mesmo com a grande carga laboral a qual as mulheres são submetidas em suas funções, a valorização do trabalho acontece de forma distinta. É importante salientarmos, que mesmo em situações nas quais as mulheres atuam em atividades remuneradas acontecendo fora de seus lares, o valor social do trabalho entre homens e mulheres ainda é muito divergente.

Segundo Sorj (2000):

As fronteiras entre o trabalho e o não- trabalho parecem menos demarcadas à medida que passamos a ver as atividades de lavar, passar, cozinhar, cuidar das crianças e de idosos e tantas outras tarefas domésticas como trabalho remunerado e não remunerado, embora não seja nada aleatório que o trabalho remunerado apareça, em geral, como mais valioso ou mais real do que o outro. (SORJ, 2000).

Nesse sentido, surgiram debates que procuravam realçar algumas dessas discussões, passou-se a questionar as diferenças sociais estabelecidas entre homens e mulheres. Percebeu-se que essas diferenças eram guiadas principalmente por construções sociais, que ao longo do tempo foram se estabelecendo. Sorj, (2000), argumenta que: “... as diferenças nos atributos de gênero estabelecidas e justificadas, até pouco tempo atrás, como verdades eternas pelo discurso do senso comum e concebidas, em algumas abordagens sociológicas, como um pré-requisito funcional da sociedade moderna, passaram a ser questionadas por diversos estudos.” (SORJ, 2000).

3.2. O fator temporalidade na conjugação do trabalho produtivo e reprodutivo

Impossibilitadas de pagar alguém para realizar os serviços da casa enquanto trabalhavam, a inserção na lavanderia fez com que as mulheres necessitassem de mecanismos que auxiliassem no melhor uso do tempo. As atribuições relacionadas ao lar não deixaram de existir, nem tão pouco passaram a ser compartilhadas. As duplas e triplas jornadas de trabalho tornaram-se rotineiras, exigindo artimanhas para driblar a falta de tempo.

Perceber a importância do uso do tempo na compatibilização das atividades produtivas e reprodutivas é fundamental para que compreendamos os malabarismos

realizados pelas mulheres em seu cotidiano laboral e familiar. Nesse sentido Neves (2013) enfatiza que:

Uma consequência visível da articulação entre trabalho profissional e trabalho familiar e doméstico é perceptível na transformação da noção de tempo e de espaço. Novas fronteiras se desenham entre o tempo de trabalho e outros tempos sociais, e são as mulheres que vivem mais intensamente a tensão da pluralidade dos tempos. (NEVES, 2013 p. 414).

Torna-se fácil ilustrar o uso do tempo, quando pensamos na diversidade de atividades que são realizadas em uma casa e, se existir filhos pequenos, o número de atividades cresce consideravelmente. Lavar, passar, recolher roupas do varal, guardar as roupas, cozinhar, limpar a casa, organizar o ambiente, retirar o lixo, arrumar as camas, preparar o café, lanches, almoço e jantar, fazer compras, auxiliar os filhos nas tarefas escolares, participar de reuniões na escola, levar ao médico e dentista, dar banho, verificar se escovou os dentes, dar atenção ao marido, são algumas das atribuições que frequentemente ficam sobre as responsabilidades de uma mulher.

Diante dessas atividades e tantas outras que surgem, o tempo torna-se escasso para executar tantas atribuições, contudo o tempo dedicado a essas atividades não são contabilizadas como trabalho, proporcionando outras desigualdades entre homens e mulheres. Avila (2002) esclarece que o tempo dedicado ao cuidado com as pessoas que não tem condições de se auto-cuidar “não é percebido como parte da organização social do tempo; e retirado da vida das mulheres como parte das atribuições femininas determinadas pelas relações de poder de gênero” (p. 39). Acrescento a essa discussão todas as outras atribuições femininas, ligadas ao ambiente doméstico e ao zelo para com a família, cujas funções preenchem o tempo, geram cansaço físico e mental, sendo extremamente importantes na reprodução familiar. Entretanto, ainda não tem o devido reconhecimento.

Uma importante abordagem que merece destaque é o tempo consumido pelas atividades domésticas, bem como a implicação do uso desse tempo, no desenvolvimento de outras atividades que não estejam ligadas a esse ambiente, como é o caso do trabalho externo ao espaço familiar. Um atributo bastante apreciado pelas mulheres que atuam na lavanderia, e que se relaciona à permanência delas nesse trabalho foi a carga horária trabalhada. A execução das atividades durante um período (matutino ou vespertino) foi considerado por elas um estímulo para a inserção no mercado de trabalho. A flexibilidade oportunizada pela lavanderia foi encarada por todas como um aspecto

positivo, pois oportunizou a inserção em um emprego formal que não estabelecia longas jornadas de trabalho, dessa maneira elas conseguiram articular trabalho doméstico e responsabilidades familiares com o trabalho remunerado exercido na lavanderia. “Uma colega que morava aqui no bairro falou comigo, na época não trabalhava pra fora e os filhos eram pequenos. Aí aqui era mais perto da creche, eu trazia eles pra creche e vinha trabalhar” (*Jade, 43 anos*).

Degraff e Anker (2004, p. 175) argumentam que “a produção doméstica consome muito tempo, sendo importante a medição do tempo destinado a essa produção, para entender como os recursos humanos de um país são utilizados, e como a alocação de recursos humanos na força de trabalho, na vida social e no lazer responde às intervenções das políticas e às mudanças no ambiente socioeconômico

Segundo esses autores, várias análises deveriam levar em consideração o tempo destinado às atividades domésticas, como por exemplo, as análises demográficas, as taxas de inserção no mercado de trabalho, as taxas de fecundidade, para citar algumas. Inserir as múltiplas consequências do uso do tempo nos debates políticos e sociais contribuiria para ampliar e melhorar a formulação de políticas públicas e sociais, pois quando fazemos referência ao trabalho doméstico as mulheres são as que recebem o maior número de atribuições, e por vezes o tempo desempenhado nessas funções fica no esquecimento. A falta de reconhecimento do trabalho doméstico das mulheres mascara e prejudica sua autonomia e bem-estar, questões centrais para viver se ter uma boa qualidade de vida e uma relação familiar saudável (DEGRAFF; ANKER, 2004).

As discussões envolvendo as abordagens de gênero e divisão sexual de trabalho, contribuíram para a compreensão das inúmeras desigualdades ainda construídas em relação aos aspectos relacionados às diferenças de gênero. Pesquisas deste cunho auxiliam na reflexão das desigualdades que existiram e que ainda persistem em nossa sociedade. Tudo o que foi construído, em algum momento pode ser reformado ou então colocado abaixo e reconstruído, passos para a execução dessa reconstrução foram dados, mas ainda há muito a ser feito.

Segundo Matos (2008, p. 336), “através de significados e re-significações produzidos e compartilhados na nova perspectiva analítica e que transversalizam dimensões de classe, raça e sexo, o gênero tem tido papel fundamental nas ciências humanas de denunciar e desmascarar as estruturas modernas de muita opressão colonial,

econômica, geracional, racista e sexista, que operam há séculos em espacialidades (espaço) e temporalidades (tempo) distintas.

3.3. Menosprezo pelo doméstico

Sabe-se que a ocupação feminina em trabalhos distantes do universo doméstico, contribui significativamente para a transformação das unidades familiares, visto que as mulheres passam a exercer mais de uma jornada de trabalho e também pelo fato de necessitarem articular da melhor maneira possível o tempo disponível.

O trabalho realizado por mulheres no âmbito doméstico propõe a ideia de predisposição feminina para o trabalho familiar, como se naturalmente mulheres possuíssem maior habilidade e competência para desenvolver essas funções. Contudo essas atribuições foram arrastadas do ambiente privado para as esferas públicas, proporcionando a divisão e especificação do trabalho nos diferentes segmentos da sociedade.

Como esse trabalho foi construído dentro de uma lavanderia comunitária, local que oferece como serviço a higienização de peças do vestuário, é interessante pensarmos que a limpeza nem sempre se configurou como observamos hoje. A nossa percepção sobre limpeza e uso de “roupas limpas” envolve um amplo processo histórico iniciado na idade média que se aperfeiçoou continuamente até os nossos dias. Rodrigues (1999) mostra-nos que as percepções e ideais que possuímos hoje em relação ao corpo, e conseqüentemente em relação à higiene e limpeza são muito diferenciadas das que se tinha na Idade Média. Ao fazer um paralelo entre Idade Média e período Industrial ele nos mostra que tudo o que repugnamos, como o lixo, excrementos, morte e a sujeira em geral eram tão comuns quanto o banho é para nós. O corpo era vivenciado de forma diferente do apresentado em nosso sistema capitalista e a idéia de corpo como ferramenta ainda estava muito distante. Na Idade Média, o corpo e sua limpeza eram experimentados de forma diferenciada sendo este muitas vezes caracterizado e valorizado como corpo ocioso, ao contrário do sistema capitalista onde o corpo assume a idéia de instrumento de trabalho (RODRIGUES, 1999, p. 83). Enquanto no contexto medieval existia uma convivência podemos dizer harmônica, com o lixo e a sujeira, na sociedade capitalista passa-se a valorizar a limpeza e a higiene.

No contexto da sociedade capitalista, existe uma valorização da limpeza, do corpo limpo, da roupa limpa, porém de forma muito contraditória existe uma desvalorização, uma negação das profissões que trabalham com essas atividades, como é o caso dos garis e lavadeiras. Com isso, percebemos um paradoxo estabelecido por essa sociedade, onde estar limpo e possuir roupas limpas tornam-se uma virtude, enquanto quem realiza estas atividades em muitos casos são discriminados e deixados à margem da sociedade. Essa representação cria a idéia de trabalhos subalternos, promovendo assim desigualdades sociais que são cada vez mais evidenciadas e preocupantes.

A construção de nossas identidades⁸ é fator determinante para situar o indivíduo nos diferentes contextos, mas por outro lado fica evidente que essas identidades, em alguns momentos, podem servir de base para a geração de estigmas e preconceitos em relação ao indivíduo e à atividade por ele desenvolvida.

Ao relatar sobre a invisibilidade atribuída as diferentes pessoas, faço referência ao fato de que algumas atividades bem como o uniforme utilizado na realização dessas atividades menos prestigiadas pela sociedade serem geradoras de desconforto e proporcionar um distanciamento entre as pessoas. Por outro lado, o uso de uniforme de uma empresa prestigiada é recoberto de signos e prestígio, como mostrou Farias (2012).

Mcclintock (2010) mostra-nos como a dicotomia entre o trabalho pago da mulher e seu trabalho não pago em casa podem estar encobertos de significados e construções que se perpetuaram ao longo do tempo e que precisam ser compreendidas à luz de teorias que evidenciem e por vezes expliquem estes acontecimentos históricos. As discussões de feministas como Rago (1985) mostram que, embora haja uma construção social sobre os papéis “adequados” a homens e mulheres, que canalizam as mulheres para uma posição subalterna e inferior, as mulheres frequentemente desenvolvem estratégias para driblar as imposições sociais. As atribuições relacionadas ao trabalho feminino na obra de Mcclintock (2010) realçam o trabalho feminino não apenas como trabalho, mas colocam em debate as representações do mesmo, evidenciando o emaranhado de significados e símbolos em que este ofício está envolvido.

⁸ Identidade aqui pode ser entendida como a forma pela qual nos identificamos e somos identificados pela sociedade. Stuart HALL, (2003), trata da ideia de que o indivíduo não possui uma identidade única, para ele nossa identidade é relacional, depende constantemente das relações sociais e do meio no qual estamos inseridos. Nossas identidades são construídas através das relações estabelecidas com os outros, efetivando-se através da concepção de como o outro me vê e como sou visto. A formação das identidades é um processo dinâmico.

Inspirada nos referenciais feministas apresentei questões referentes aos atuais efeitos produzidos pelos significados atribuídos ao trabalho feminino, principalmente no que se refere à simbologia e representação negativa atrelada ao universo doméstico e às atividades que remetem a esse ambiente.

Estas discussões contribuíram para a compreensão dos aspectos relacionados ao trabalho desenvolvido. Essas discussões são fundamentais no atual momento em que vivemos, no qual cada vez mais as mulheres buscam vencer as barreiras sociais impostas e lutam para conseguirem apoio de políticas públicas que contribuam para aumentar a probabilidade de reconhecimento destas como agentes sociais importantes nos diferentes segmentos e nos diferentes contextos.

No processo de mudança da condição social das mulheres e da transformação do cenário profissional feminino, as Guerras Mundiais tiveram grande relevância, pois as mulheres assumiram os postos de trabalho dos homens, desmistificando a ideia de sua incapacidade e fragilidade. Com isso, iniciou-se um período de muitas mudanças envolvendo a participação da mulher no mundo do trabalho, com notáveis conquistas. Apesar desses avanços, ainda convivemos com diferenças significativas na ocupação dos postos de trabalho e nos salários atrelados, principalmente às questões de gênero e classe.

Apesar da maior participação da “mulher” no mercado de trabalho, essas ocorrências não anulam representações e práticas que reforçam a desigualdade entre “homens” e “mulheres”. Afinal, a inserção das mulheres no mundo do trabalho, ao longo desses anos, vem sendo acompanhada de discriminação em diversos setores, não sendo apenas em relação à qualidade das ocupações nos setores formais e informais, mas também no que se refere à desigualdade dos rendimentos mensais entre homens e mulheres (MAIA; LIRA, 2004).

Conforme Góis (2009), os rendimentos mensais da “mulher” ainda são inferiores aos dos “homens” nas mesmas ocupações. Para este autor, a desigualdade ocorre até mesmo em atividades onde os sujeitos do sexo feminino são majoritários, como nos serviços domésticos (94% de “mulheres”) e nos serviços de confecção de peças de vestuário (80% de “mulheres”).

No caso do trabalho como lavadeira, Perrot (1998), destaca que desde o século XIX as lavanderias, embora fosse espaço de trabalho feminino, eram comandadas por homens que as vigiavam e controlavam, em “As Sufragistas” também percebemos o

comando da lavanderia sendo exercido por homens. Na sociedade econômica patriarcal em que a relação entre grupos dominadores e dominados era reforçada, a mulher passou a ser controlada pelos homens, sendo inserida em trabalhos menos valorizados, onde eram humilhadas e sofriam abusos.

Além das assimetrias de gênero e da baixa escolaridade das mulheres, a lavanderia constitui-se como oportunidade de inserção no mercado de trabalho, fazendo com que elas tenham a possibilidade de obter renda e articular seus saberes, sendo a atividade realizada a única possibilidade de trabalho que elas têm acesso, fora do ambiente doméstico. Por outro lado, um grupo formado e liderado por mulheres pode se constituir em um ambiente onde elas experimentam uma liberdade não vivida em suas casas.

Dessa forma, discutiu-se o trabalho não exclusivamente como fonte de renda, mas como atividade capaz de formar sujeitos políticos e sociais capazes de pensar e articular-se enquanto grupo. Neste sentido, Bila Sorj (2000) destaca que:

[...] o trabalho constitui a principal referência que determina não apenas direitos e deveres, diretamente inscritos nas relações de trabalho, mas principalmente padrões de identidade e sociabilidade, interesses e comportamento político, modelos de família e estilos de vida.

Afinal as mudanças que vem ocorrendo no mercado de trabalho influenciam fortemente as mudanças relacionadas também aos papéis sociais ocupados por homens e mulheres. Para Sorj (2000), o mundo do trabalho é apenas uma das dimensões de um amplo espectro de transformações radicais que afetam nossas vidas e que está a desafiar a nossa imaginação sociológica.

No período que antecede à Revolução Industrial, o trabalho de homens e mulheres era realizado no espaço do lar e suas adjacências, sendo que marido, esposa e filhos trabalhavam coletivamente, em prol do sustento familiar. Após a revolução Industrial, houve separação das atividades laborais, quando o trabalho produtivo desenvolvido pelos homens passou a se dar no âmbito das indústrias e o trabalho reprodutivo feminino permaneceu no âmbito do lar. Essa situação contribuiu para afastar as mulheres da produção de produtos com valor de mercado.

Antes da instauração do modelo capitalista advindo com a revolução industrial, as atividades inerentes ao trabalho artesanal, eram desenvolvidas de forma manual, realizadas pelas famílias em seu próprio ambiente familiar. Estes artesãos possuíam autonomia para decidir o que produzir e o quanto produzir além de possuir conhecimento de grande parte do processo produtivo.

Com o advento da revolução industrial, estes artesãos perderam o controle do processo de produção e passaram a atuar como empregados controlando máquinas dentro das grandes indústrias. Assim, o trabalho que era realizado dentro do ambiente doméstico com o apoio de todos os membros familiares, passou a ser realizado no ambiente público e por mão de obra masculina. As mulheres juntamente com seus filhos continuaram dentro das casas produzindo diversos produtos, e exercendo atividades ligadas ao mundo doméstico. Porém, o trabalho dentro das indústrias recebeu maior valorização pela sociedade, enquanto o trabalho doméstico, por não possuir valor de troca recebeu menor valor social. Este breve apanhado histórico sobre a transição do trabalho mostra alguns fatores que nos ajudam a compreender a realidade de desvalorização de trabalhos informais, artesanais, realizados no âmbito doméstico e os pertencentes ao universo doméstico como o das lavadeiras.

Apesar das discussões que realçam os diferentes aspectos que o trabalho adquiriu no decorrer do tempo, observamos que ainda existem muitos julgamentos em relação a algumas atividades, principalmente as atreladas a atividades domésticas. Em um de seus discursos Farias (2013) argumenta que:

[...] o capitalismo, que separou as esferas da produção e da reprodução, atribuiu a primeira um lugar de primazia, por ser o local da produção industrial, da economia formal, estigmatizando o ambiente doméstico como sendo apenas uma unidade de consumo e repouso. Neste sentido a economia doméstica é ignorada, esquecendo-se da sua fundamental importância para a continuidade do capitalismo, uma vez que dentro do ambiente doméstico ocorrem as primeiras formas de socializações, bem como a formação de mão de obra para o sistema capitalista, além do fato destas unidades serem consumidoras dos produtos gerados pelo capitalismo.

Vale lembrar que no ambiente doméstico muitas das estratégias de geração de renda e emprego são elaboradas, a fim de auxiliar nos problemas relacionados a desemprego e pobreza que as famílias podem enfrentar.

Segundo Diogo (2005), o mercado atual passou a exigir um trabalhador capaz de operar máquinas altamente sofisticadas e caras, trabalhar em equipe, adaptar-se a mudanças bruscas no processo de produção, ser capaz de exercer várias funções, entre outras demandas. Em grande parte, isso se deu pelo desenvolvimento industrial que exigiu profissionais qualificados. Segundo este autor, a busca pela qualificação profissional, em muitos casos, torna-se uma desculpa para a exclusão de determinados

grupos, fazendo com que estes indivíduos sejam responsabilizados pela situação econômica e social injusta em que vivem.

No mundo do trabalho em que vivemos, existe uma grande valorização das coisas e frequentemente os empresários negligenciam a valorização das pessoas enquanto seres humanos dotados de saberes, valores e sentimentos. Nesse sentido, Bercito (2011) argumenta que o capitalismo industrial tomou o corpo como mão de obra. Este passou a ser concebido como instrumento útil para garantir a produtividade. O intenso interesse em produzir cada vez mais, frequentemente negligencia o fato de que os envolvidos neste processo eram seres humanos e que estes, por excesso de trabalho, poderiam apresentar problemas psicológicos e físicos.

Bercito (2011) mostra ainda como as mulheres eram tidas como corpos frágeis, vistas como possuidoras de menor resistência que os homens, e assim sendo, exerciam funções e recebiam salários compatíveis com suas “limitações”.

Ao analisar os jornais da imprensa operária do início do século XX, Rago (1985) mostra que diversos discursos afastavam as mulheres das fábricas, por apelarem para os riscos de prostituição nesse ambiente e destacavam a necessidade do retorno das mulheres para a casa para amamentarem seus filhos e não formarem uma prole degenerada, o que causaria danos não só às famílias, mas à nação.

As representações sociais das décadas de 1930 e 1940 em relação às mulheres e às funções que estas poderiam exercer ainda reverberam nos dias atuais, uma vez que as construções sociais sobre os papéis assumidos pelas mulheres nas esferas públicas e privadas se renovam em diversos discursos divulgados principalmente na televisão e internet.

Assim, a inter-relação entre trabalho de reprodução familiar e trabalho remunerado sob uma perspectiva de gênero deve ser melhor compreendida, uma vez que mesmo com todas as mudanças ocorridas na sociedade, as diferenças estabelecidas entre homens e mulheres persistem no mercado de trabalho e assumem facetas distintas nos diferentes contextos.

Nesse sentido, Cyrino (2009, p.68) enfatiza que “é importante estudos que considerem a dimensão do trabalho como categoria de análise das relações de gênero, já que esta categoria incorpora, historicamente, visíveis relações de desigualdade e de poder assimétrico entre homens e mulheres”. Tal assertiva aponta a importância de

compreendermos a dinâmica, e conexão entre as esferas públicas e privadas em uma perspectiva de gênero, destacando a atuação feminina nesse cenário.

Diversos artifícios foram utilizados pelas integrantes da lavanderia, para que houvesse uma ligação satisfatória entre as esferas públicas e privadas. Para que elas estejam presentes na lavanderia, foi necessário que suas casas fossem deixadas por determinado período. Dessa forma, todas disseram realizar as tarefas da casa de maneira fracionada, ou seja, em cada dia da semana uma atividade era realizada. O intuito dessa divisão era não gerar sobrecarga de trabalho em um único dia, disponibilizar tempo para outras atividades, como resolver questões pessoais, realizar pagamento de contas, levar e buscar os filhos na escola. Contudo, mesmo existindo essa organização das tarefas, cinco das informantes disseram que depois que começaram a trabalhar muita coisa no ambiente doméstico deixou de ser prioridade. *“Se a gente for cuidar de casa, vai morrer trabalhando, toda hora tem coisa pra fazer. Agora não esquento mais, faço quando dá.”* (ALANA, 38 anos).

Mesmo com o menosprezo direcionado às atividades domésticas, todas as participantes concordaram em dizer que as atividades domésticas correspondiam a uma forma de trabalho. *“A eu acho que sim, porque a gente tem que fazer de tudo em casa né, e cansa também né, por isso é trabalho”.* (Rosa, 63 anos). *“Com certeza, trabalha mais em casa do que fora, tem serviço o tempo todo”* (Jade, 43 anos).

As discussões estabelecidas nesta pesquisa evidenciaram a importância da realização de estudos dentro desta abordagem. Ao conhecer a realidade das mulheres que atuavam na lavanderia, ficou evidente a complexidade que este universo assume. Contudo, ficou evidente também que as dificuldades impostas pelas condições sociais, não foram capazes de interromper as conquistas deste grupo e de cada mulher de forma específica. Essa pesquisa foi determinante para realçar a importância de discussões que focalizem os aspectos que permeiam o trabalho feminino bem como suas implicações na vida das mulheres e de suas famílias. Esse trabalho foi uma forma de contribuir para que as inquietações deste rico debate não sejam deixadas de lado.

CONCLUSÕES

Esse trabalho trata de um estudo a respeito dos significados do trabalho feminino que buscou elucidar alguns aspectos relacionados às construções sociais de gênero, à divisão sexual do trabalho e à temporalidade na conjugação das atividades laborais dentro e fora do lar.

As reflexões auxiliaram na compreensão das diferenças de gênero, promovendo uma releitura a respeito das construções sociais e suas influências nas condições de vida experimentadas por mulheres atuantes em uma lavanderia comunitária.

Mesmo com a elaboração de um planejamento, a pesquisa não ocorreu da maneira esperada. A dificuldade inicial enfrentada foi em relação aos tramites do Comitê de Ética em Pesquisa, por várias vezes foi necessário o reenvio de documentações complementares, bem como alterações no projeto de pesquisa, que acabaram por atrasar o início do trabalho.

Outras limitações surgiram durante a pesquisa, principalmente no início do trabalho de observação, devido à presença de uma nova pessoa na lavanderia, que foi percebida com desconfiança pelas lavadeiras. O receio de expor opiniões era contínuo, principalmente por pensarem que minha presença ali estivesse ligada a algum órgão fiscalizador de suas condutas, como a prefeitura ou o governo federal, por exemplo, existia grande preocupação relacionada ao benefício do Programa Bolsa Família, em muitas situações elas acreditavam que suas ações e discursos poderiam provocar a perda deste benefício.

Apesar das dificuldades e limitações com essa pesquisa foi possível a apropriação de diversos elementos que perpassam pelo contexto social das mulheres integrantes da lavanderia, o que possibilitou o estabelecimento de um diálogo com diferentes estudos e teorias que evidenciam os significados conferidos ao trabalho feminino.

Inicialmente, foi realizada uma abordagem que procurou desvelar aspectos relativos ao campo investigado. Em termos de dados referentes à implantação da lavanderia no bairro Santa Terezinha, a estrutura física e de pessoal, a rotina do trabalho dentro daquele ambiente e os aspectos relacionados à estruturação do grupo enquanto associação.

Os dados relacionados a essas indagações permitiram uma descrição da história da lavanderia, proporcionando o conhecimento da sua estrutura e suas integrantes. Foram apreendidos também alguns dilemas que distanciam a ALASTE, de uma associação legalmente reconhecida.

Depois de realizada a pesquisa, constatou-se que a lavanderia existe há treze anos. O espaço funcionava desde 1980 e era utilizado pelos moradores do bairro como extensão das casas, podendo ser utilizado por quem necessitasse higienizar suas roupas. Em 1993, foi realizada a reforma dessa área, dando origem a ALASTE, o principal motivador da reforma foram os problemas que esta área aberta estava gerando. A instalação da lavanderia oportunizou a geração de renda e trabalho para muitas mulheres da comunidade. A lavanderia conta como uma estrutura simples, mas dentro de suas possibilidades consegue atender as demandas dos clientes. A rotina da lavanderia foi estabelecida pelas próprias integrantes, elas se organizaram para que não houvesse vantagens de um turno em relação ao outro, assim estabeleceram normas como, por exemplo, trabalhar cada semana em um turno realizando um rodízio entre as integrantes.

Como parte dos resultados desse trabalho, notou-se que a ALASTE ficava distante das regulamentações e ações necessárias para uma associação. Os dados apontaram para a necessidade de mudanças, que contribuíssem para o enquadramento legal do grupo enquanto associação, essas modificações auxiliariam no aumento da autonomia.

Como o trabalho foi realizado com todas as integrantes, e esse número era pequeno, foi realizado um relato de todas elas, bem como da secretaria de desenvolvimento social e da diretora do Centro Social Urbano. O intuito foi conhecer suas histórias, e a partir desses relatos entender como as construções sociais interferem nas condições de vida experimentadas por cada uma delas. A maior parte das informações apontou para uma divisão sexual do trabalho e a inferioridade feminina. O ofício de lavadeiras foi aprendido por todas as associadas, ainda enquanto eram crianças, como sendo uma função inata ao fato de serem mulheres. Em algumas situações, foi percebido que as próprias mulheres utilizavam de discursos que menosprezavam o trabalho doméstico e os afazeres realizados dentro da unidade familiar.

Os resultados demonstraram que as mulheres presentes na lavanderia, possuem uma vida simples, não se dedicando ao lazer, vivendo em função da casa e do trabalho

na lavanderia, as atribuições com essas funções acabam por preencher grande parte do tempo, ficando o lazer no esquecimento.

Outro aspecto interessante, apreendido durante esta investigação, se relaciona ao uso do tempo pelas mulheres. Foi notório que o uso de diferentes estratégias eram necessárias para a articulação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado na lavanderia. Programas sociais que aconteciam no bairro funcionavam como redes de apoio para que a inserção no mercado de trabalho ocorresse. As associadas teriam dificuldades de inserção no mercado de trabalho, caso não contassem com essas redes e com o apoio de membros familiares, o trabalho em apenas um dos turnos também foi um fator que contribuiu para a articulação do tempo e conseqüentemente a inserção no mercado de trabalho.

A desvalorização ligada ao trabalho doméstico foi percebida em alguns momentos, por vezes os discursos apontaram para o menosprezo dirigido a esse ofício. As construções sociais de gênero, bem como a divisão sexual do trabalho são constantes na vida das lavadeiras, a maioria delas fica responsável pelo trabalho doméstico e cuidado dos filhos. Ficou evidente o quanto essas construções sociais ainda estão enraizadas, evidenciando assim a necessidade de desnaturalização da condição feminina.

O trabalho realizado na lavanderia foi compreendido como uma necessidade para as mulheres pesquisadas foi perceptível a importância do trabalho como atividade que possibilita diferentes experiências e também a importância da renda para a unidade familiar. Apesar dos rendimentos não serem exorbitantes, o dinheiro recebido pelo trabalho na lavanderia proporcionou muitas melhorias e auxiliou significativamente a vida familiar.

Além dos aspectos ligados à inter-relação trabalho doméstico e trabalho remunerado, a realização desta pesquisa proporcionou experiências ímpares como pesquisadora, mas também enquanto ser humano. Como destaca Diogo (2005, p. 6): “Todo trabalho de pesquisa está intimamente ligado e profundamente vinculado à história de vida e trabalho do pesquisador, pois as questões formuladas numa pesquisa são engendradas nos processos de formação pessoal, acadêmica e profissional deste.”

A aproximação com uma realidade diferente da vivenciada proporcionou muitas reflexões e a percepção sobre a vulnerabilidade social e o trabalho realizado na

lavanderia. A pesquisa foi promissora no sentido de propiciar novas reflexões referentes ao conhecimento científico.

Acredito que esta pesquisa proporcionou o reconhecimento de muitos dos significados que o trabalho possui para essas mulheres. Geração de renda, empoderamento e inserção social são alguns dos benefícios que o mercado de trabalho proporcionou a elas. Contudo, o sentimento de valorização e utilidade foram informações relevantes, pois nos fizeram compreender que, mesmo diante dos obstáculos, a luta das mulheres por igualdade e inclusão é válida.

É evidente que essa pesquisa não esgotou todos os debates relacionados ao tema, pois como se sabe esse campo do conhecimento é amplo e fecundo. Esse foi apenas uma contribuição para a realização de um debate que ainda necessita de maiores investimentos. Considero que trabalhos que coloquem ênfase nas discussões relativas à divisão sexual do trabalho possam aflorar a partir desta pesquisa, investimentos podem ser realizados a fim de compreender de forma mais ampla e profunda as relações familiares e a divisão sexual do trabalho estabelecida dentro das unidades familiares, a realização de pesquisas com as famílias contribuiria ainda mais para o enriquecimento das discussões relacionadas a este tema. Discussões relacionadas as novas formas de associativismo no Brasil seriam pertinentes dentro dessa abordagem, questões relacionadas as dificuldades enfrentadas por essa forma de organização social poderiam ser debatidas.

Assim, considero que as inquietações despertadas nesta pesquisa, são também inquietações relativas ao nosso ser. Como afirmou Sousa Santos (1997, p.52, apud Diogo, 2005, p.6): *“O objeto é a continuação do sujeito por outros meios”*.

REFERÊNCIAS

AIELLO, FERNANDA ROSENCRANTZ. **Participação feminina na gestão de lavanderias industriais do distrito federal.** Monografia do curso de administração da UnicEUB. Brasília, junho de 2007.

ALCÂNTARA, FERNANDA HENRIQUE CUPERTINO. **Economia solidária: o dilema da institucionalização.** São Paulo: Arte & Ciência, 2005. 170p.

ANKER, R.; DEGRAFF, D. **Gênero, mercado de trabalho e o trabalho de mulheres.** In: Gênero nos estudos de população. Campinas, set., 2004.

ÁVILA, MARIA BETÂNIA. **O tempo e o trabalho das mulheres.** In: COSTA, Ana Alice A. et al. (Org.). Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva. São Paulo: CUT, 2002. p. 37-46.

ANTUNES, RICARDO. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2000.

AS Sufragistas. Direção: Sarah Gravon. Reino Unido, 2015. Produtora: Alison Owen. Distribuidor Brasileiro: Universal Pictures, 2015. 106 min.

BERCITO, SONIA DE DEUS RODRIGUES. **Corpos-máquinas: trabalhadores na produção industrial em São Paulo (década de 1930 e 1940)** In: PRIORE; Mary Del, AMANTINO, Marcia. In: História do corpo no Brasil. São Paulo. Ed. Unesp, 2011. (p. 371-404).

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002.

BRITO, J. e OLIVEIRA, O. **Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho.** In: FILHO, F.S e JARDIM S. (orgs.) A Danação do Trabalho,. Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.

BOURDIEU, PIERRE. **Dominação masculina.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 160p.

BOURDIEU, PIERRE. **O capital social – notas provisórias.** In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUSCHINI, Cristina. **Uma Abordagem Sociológica da Família.** Revista Brasileira de estudos da população. ABEP, São Paulo, v. 06, n.1, jan/jun. 1989 a.

BRUSCHINI, CRISTINA. **Trabalho feminino no Brasil: Novas Conquistas ou Persistência da Discriminação?** Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Setembro de 1998.

CAPITANI, D. H. D.; GARAVELLO, M. E. P. E. **A atividade artesanal com fibra de bananeira sob a perspectiva do ecodesenvolvimento.** Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, ROBERTO. **O trabalho do antropólogo.** 2 ed. Brasília: Paralelo15; São Paulo Editora UNESP, 2000. 220 p.

CARDOSO, UNIVALDO COELHO. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE.** Brasília, 2014. Acesso em 15 de fevereiro de 2016. Disponível em: http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/guias_cartilhas/empreendimentos_coletivos_associacao.pdf

CARLOTO, CÁSSIA MARIA. **Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino.** Serviço Social em revista. Volume 4. Número 2. Jan/Jun 2002.

CARLOTO, CÁSSIA MARIA. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais.** Serviço Social em Revista. Volume 3. Número 2, 2001. P. 201-213.

CASTELLS, MANUEL. **O poder da identidade.** Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p.

COELHO, SÔNIA VIEIRA. **Abordagens psicossociais da família.** In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves de; COELHO, Sônia Vieira. Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e

epistemológicos. 2ª edição. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2006. p. 143 – 233.

COSTA, FERNANDO BRAGA DA. **HOMENS INVISÍVEIS: RELATOS DE UMA HUMILHAÇÃO SOCIAL**. São Paulo: Editora Globo, 2004. 254 p.

CYRINO, RAFAELA. **Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº21, jan/jun. 2009, p.66-92.

CRUZ, TÂNIA CRISTINA DA SILVA. **"Qual é o teu trabalho mulher?"**: mulheres empreendedoras no contexto da economia popular solidária. Brasília. 2006, 396p.

D'ÁVILA, S. M. G. **O significado do trabalho feminino para famílias de trabalhadoras de uma indústria de confecção em Fortaleza, CE**. 1999, 130p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa.

DA MATTA, R. **O Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues**. Boletim Museu Nacional, n.27, Rio de Janeiro, 1978.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DEDECCA, CLAUDIO SALVADORI. **Tempo, Trabalho e Gênero**, in COSTA, Ana A., OLIVEIRA, Eleonora M. de, LIMA, Maria Ednalva B. de, SOARES, Vera, (orgs), Reconfiguração das relações de gênero no trabalho, São Paulo: CUT. 2004.

De GRAFF, Debora S., ANKER Richard. **Gênero, mercados de trabalho e o trabalho das mulheres**. In: PINNELLI, Antonella (Org.) Gênero nos estudos de população, Campinas, SP.: ABEP, 2004. p.163-197.

DIOGO, MARIA FERNANDA. **De balde e vassoura na mão: Os sentidos do trabalho para mulheres que exercem suas funções no setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina**. 2005, 130p. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina.

DURHAM, Eunice. **Família e reprodução humana**. v. 3. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1983, p13-43.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Uniforme e trabalho no Vale do Aço: Discursos, práticas e significados simbólicos. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2012. 317 p.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Discurso de Posse como Chefe do Departamento de Economia Doméstica**. 2013.

FUNDARTE – **Fundação de Cultura e Artes de Muriaé**. Disponível em: <http://www.fundartemuriaie.com.br/conteudo/conteudo.php?id=185> Acessado em: 28 de fevereiro de 2016.

GELEDÉS: INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Que horas ele chega? Mulher trabalha cada vez mais que homem. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/que-horas-ele-chega-mulher-trabalha-cada-vez-mais-que-homem/#ixzz41CfDus00> Acessado em: 25 de fevereiro de 2016.

GELINSKI, C.; RAMOS, I. S. **Mulher e Família em Mutação: onde estão os mecanismos de apoio do trabalho feminino**. Mulher e Trabalho (Porto Alegre), PORTO ALEGRE, v. 4, p. 142-148, 2004.

GOIS, ANTÔNIO. **Mulher tem maior renda em 30% das casas**. Folha de São Paulo. Cotidiano. C3. 08 Mar. de 2009.

GUIMARÃES, JOSÉ RIBEIRO SOARES. **Perfil do Trabalho Decente no Brasil: um olhar sobre as Unidades da Federação**. Brasília: OIT, 2012. 400 p.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, DAVID. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 19.ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2010. 349p.

HOLZMANN, L. **Divisão social do trabalho**. In: Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 84-87.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314390> Acessado em: 18 de novembro de 2015.

KOSS, M. V. **Feminino + masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras, 2000. 254p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LARAYA, ROQUE DE BARROS. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2001.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. E. A. **Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles**. Revista Brasileira de Estudos da População, v. 23, p. 355-367, 2006.

LIMA, JACOB CARLOS. **Trabalho informal, autogestionário e gênero**. Disponível em < <http://www.redalyc.org/pdf/703/70390204.pdf>> Acessado em: 15 de fevereiro de 2016.

LOBO, ELISABETH SOUZA. **A Classe Operária tem dois sexos**. São Paulo. Edit. Brasiliense, São Paulo, 1991.

LOURO, GUACIRA. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 179p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MAIA, KATY; LIRA, SACHIKO ARAKI. **A mulher no mercado de trabalho**. IPEA. Disponível em <www.ipea.gov.br/seminários/artigo11>. Data de acesso: 22/08/2015

MALINOWSKI, B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

MARTELETO, REGINA MARIA; SILVA, ANTÔNIO BRAZ DE OLIVEIRA. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. 2004. Acesso em 15 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a06v33n3.pdf>>.

MATOS, MARLISE. **Teoria de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências**. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 16, v. 2, p. 333-357, 2008.

MCCLINTOCK, ANNE. **Couro Imperial – Raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas, Editora da Unicamp, 2010, 600 p.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008. 407p.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 7.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 342p.

Ministério do Trabalho e Emprego. Brasília. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/noticias-mte/1593-crescente-inclusao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-tem-reflexo-nos-beneficios-previdenciarios> Acesso em: 28 de fevereiro de 2016.

NEVES, L. M. W. PRONKO, M. A. MENDONÇA, S. R. **Capital Social**. In: **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capsoc.html> Acessado em: 28 de fevereiro de 2016

NEVES, MAGDA DE ALMEIDA. **Anotações sobre trabalho e gênero**. Cadernos de Pesquisa v.43 n.149 p.404-421 maio/ago. 2013.

OBJETIVOS DO MILÊNIO. **8 jeitos de mudar o mundo.** Disponível em: <http://www.objetivosdomilenio.org.br/> Acessado em: 25 de fevereiro de 2016.

ORTNER, SHERRY B. **Conferências de Sherry B. Ortner.** In: Bárbara Glowczewski et al. Conferências e Diálogos: Saber e Práticas Antropológicas - 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Blumenau: Nova Letra, 2006. 284p.

PERROT, MICHELLE. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros.** RJ: Paz e Terra, 1988.

PISCITELLI, A. **Gênero e família nos países desenvolvidos.** In: Gênero nos estudos de população. Campinas, set., 2004.

PISCITELLI, A. **Re-criando a (categoria) mulher?** In: Gênero nos estudos de população. Campinas, set., 2002.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009 - (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

PREFEITURA MUNICIPAL DE MURIAÉ. Disponível em: [http://www.muriae.mg.gov.br/site/index.php/galeria/detalhe/2?pg=2#lightbox\[2_galeri_t_humb\]/15/](http://www.muriae.mg.gov.br/site/index.php/galeria/detalhe/2?pg=2#lightbox[2_galeri_t_humb]/15/) Acessado em: 18 de novembro de 2015.

RAGO, LUIZA. MARGARETH. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margaret. **Epistemologia Feminista, Gênero e História.** In: Joana M. PEDRO e Miriam P. GROSSI (orgs.), Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998.

Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/Acesso> em: 29 de fevereiro de 2016.

RIBEIRO, ANTÔNIO LOPES. **Razão e sensibilidade: a desconstrução do mito da fragilidade.** In: Congresso de Teologia da PUCPR, 10, 2011. Org: PERETTI, Clélia. Curitiba 2011. Disponível em:

<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/10CT?dd1=5638&dd99=view> Acessado em: 20 de fevereiro de 2016.

RODRIGUES, JOSÉ CARLOS. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. 198p.

ROMERO, E. **A Educação Física a serviço da ideologia sexista**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Nº15, V.3, p. 226-233, Campinas: 1994.

SANTOS, ANTONIO RAIMUNDO DOS. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SCOTT, JOAN. **História das mulheres**. IN: BURKE, Peter. A escrita da história. São Paulo: Unesp, 1992.

SORJ, BILA. **Sociologia e trabalho: mutações, encontro e desencontros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – vol. 15 nº 43. 2000.

TORRES, MARIA ADRIANA DA S. **A divisão sexual do trabalho: a inserção da mulher no mundo do trabalho**. In: Seminário Nacional de Trabalho e Gênero: Industrialização, precarização e trabalho feminino. Universidade Federal de Goiás, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBER, MAX. **Economia e Sociedade**. Vol. I. Brasília: Ed. UnB, 1991. Cap I: “Conceitos sociológicos fundamentais”.

WEBER, MAX. **Economia e Sociedade**. Vol. I. Brasília: Ed. UnB, 1991. Cap. III: “Os tipos de dominação”.

APÊNDICES

Termo de consentimento livre e esclarecido TCLE – mulheres da ALASTE

Este TCLE foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012.

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: **“Significados do trabalho feminino: O caso de uma lavanderia comunitária de Muriaé/MG”**. Nesta pesquisa pretendemos entender os significados e práticas do trabalho feminino em uma lavanderia comunitária, procurando compreender as atividades exercidas pelas mulheres, caracterizaremos os sujeitos da pesquisa e seus familiares, compreendendo a trajetória de vida das mulheres, destacaremos como elas aprenderam o trabalho de lavadeira e identificaremos as estratégias que possibilitam realizar o trabalho não remunerado e o trabalho remunerado.

O motivo que nos leva a estudar o trabalho das lavadeiras é o fato de quisermos compreender as relações estabelecidas entre trabalho remunerado e atividades domésticas. Acreditamos que a ALASTE – Associação de Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha de Muriaé/MG, seja um campo rico em oportunidade para a discussão dessas diferenças.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: realizaremos observação participante, pesquisa documental, entrevista e questionário. A observação participante fará que o pesquisador esteja mais próximo do grupo em estudo, a pesquisa documental resgatará materiais que relatem a história da lavanderia e do bairro onde esta se inseriu (ata), as entrevistas e os questionários são para obter informações relacionadas à renda, ao emprego desta renda, a importância do trabalho para a família, entre outros questionamentos.

A participação do voluntário será através do fornecimento de informações por meio das entrevistas, questionários e conversas sobre o trabalho desenvolvido na lavanderia, e as possíveis interferências deste na vida familiar.

As entrevistas e questionários terão duração entre 40 e 50 minutos, sendo estas realizadas no momento em que o participante achar melhor.

Caso seja permitida a gravação das entrevistas e a realização de fotos o participante assinará uma autorização, que deixa clara sua permissão.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em constrangimento durante as entrevistas e durante a realização da observação, para minimizar os riscos pretendemos criar um ambiente onde o constrangimento e a exposição do participante seja menor. Este ambiente poderá ser na casa ou na própria lavanderia, caso seja na casa, o participante indicará o espaço que ele achar melhor para conversarmos, se optarem por realizar a pesquisa na lavanderia, buscaremos espaço como o quarto de guardar material de limpeza, o quarto onde são armazenadas as roupas, ou o espaço externo de secagem das roupas, o ambiente será reservado para dar o máximo de segurança e privacidade as participantes, vamos propor a escolha de nomes fictícios para diminuir o risco de reconhecimento.

Em todo o processo de coleta de dados será atendido os princípios éticos dispostos na resolução N° 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde, especificamente em seu artigo IV, que aborda o respeito à autonomia do participante da pesquisa, garantindo o seu consentimento livre e esclarecido, o sigilo das informações e a privacidade.

A pesquisa contribuirá para entendermos as diversas características que o trabalho feminino em uma lavanderia comunitária apresenta, esperamos que os resultados da pesquisa ajudem no desenvolvimento e fortalecimento do trabalho das mulheres envolvidas e também auxiliem novos trabalhos em lavanderias comunitárias.

Para participar deste estudo a senhora, não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, a senhora, tem assegurado o direito à indenização. A senhora, tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que a senhora é atendida pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. A senhora não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa/MG e a outra será fornecida a senhora.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois

desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informada dos objetivos da pesquisa “**Significados do trabalho feminino: O caso de uma lavanderia comunitária de Muriaé/MG**”. de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Muriaé, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Rita de Cássia Pereira Farias

Endereço: Av. Peter Henry Rolfs s/n - Campus Universitário. Departamento de Economia Doméstica - **CEP:** 36570 000 - Viçosa - MG

Telefone: (31) 3899-1636

Email: rcfarias@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Termo de consentimento livre e esclarecido TCLE – Secretaria de Desenvolvimento Social

Este TCLE foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012.

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **“Significados do trabalho feminino: O caso de uma lavanderia comunitária de Muriaé/MG”**. Nesta pesquisa pretendemos entender os significados e práticas do trabalho feminino em uma lavanderia comunitária, procurando compreender as atividades exercidas pelas mulheres, caracterizaremos os sujeitos da pesquisa e seus familiares, compreendendo a trajetória de vida das mulheres, destacaremos como elas aprenderam o trabalho de lavadeira e identificaremos as estratégias que possibilitam realizar o trabalho não remunerado e o trabalho remunerado.

O motivo que nos leva a estudar o trabalho das lavadeiras é o fato de querermos compreender as relações estabelecidas entre trabalho remunerado e atividades domésticas. Acreditamos que a ALASTE – Associação de Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha de Muriaé/MG, seja um campo rico em oportunidade para a discussão dessas diferenças.

Utilizaremos a pesquisa documental, para resgatar materiais que relatem a história da lavanderia e do bairro onde esta se inseriu para compreendermos como se deu sua instalação, buscaremos informações através de uma entrevista com a secretaria de desenvolvimento social, para sabermos quais eram as perspectivas quando a lavanderia se instalou e as atuais perspectivas.

A participação do voluntário será através do fornecimento de informações por meio das entrevistas, conversas e fornecimento de documentos como atas, relatórios e imagens que auxiliem na compreensão de como surgiu a lavanderia.

As entrevistas e conversas terão duração entre 40 e 50 minutos, sendo estas realizadas no momento em que o participante achar melhor.

Caso seja permitida a gravação da entrevista e conversa o participante assinará uma autorização, que deixa clara sua permissão.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em constrangimento durante a entrevista e a conversa, poderá ocorrer também incômodo no que se refere a busca dos matérias, visto que o pesquisador precisará permanecer por algum tempo no local onde esses documentos estejam, podendo acarretar algum transtorno para os profissionais que

ali trabalhem, para minimizar os riscos pretende-se criar um ambiente onde o constrangimento seja menor (o participante indicará o local onde se sinta à vontade), e onde o participante tenha tempo para refletir sobre os questionamentos, já que as informações são referentes a instalação da lavanderia e seu desenvolvimento, vamos propor a escolha de nomes fictícios para diminuir o risco de reconhecimento.

Em todo o processo de coleta de dados será atendido os princípios éticos dispostos na resolução Nº 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde, especificamente em seu artigo IV, que aborda o respeito à autonomia do participante da pesquisa, garantindo o seu consentimento livre e esclarecido, o sigilo das informações e a privacidade.

A pesquisa contribuirá para entendermos as diversas características que o trabalho feminino em uma lavanderia comunitária apresenta, esperamos que os resultados da pesquisa ajudem no desenvolvimento e fortalecimento do trabalho das mulheres envolvidas e também auxiliem novos trabalhos em lavanderias comunitárias.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Programa de Pós Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa/MG e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “**Significados do trabalho feminino: O caso de uma lavanderia comunitária de Muriaé/MG**”. de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Muriaé, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Rita de Cássia Pereira Farias

Endereço: Av. Peter Henry Rolfs s/n - Campus Universitário. Departamento de Economia Doméstica - **CEP:** 36570 000 - Viçosa - MG

Telefone: (31) 3899-1636

Email: rcfarias@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Autorização para uso das fotos

Eu _____
autorizo a realização de fotos durante a pesquisa intitulada **Significados do trabalho feminino: O caso de uma lavanderia comunitária de Muriaé/MG.**

Muriaé, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Rita de Cássia Pereira Farias

Endereço: Av. Peter Henry Rolfs s/n - Campus Universitário. Departamento de Economia Doméstica - **CEP:** 36570 000 - Viçosa - MG

Telefone: (31) 3899-1636

Email: rcfarias@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Autorização para gravação

Eu _____
autorizo a gravação das entrevistas realizadas durante a pesquisa intitulada **Significados do trabalho feminino: O caso de uma lavanderia comunitária de Muriaé/MG.**

Muriaé, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Rita de Cássia Pereira Farias

Endereço: Av. Peter Henry Rolfs s/n - Campus Universitário. Departamento de Economia Doméstica - **CEP:** 36570 000 - Viçosa - MG

Telefone: (31) 3899-1636

Email: rcfarias@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Questionário

| | |
|---------------|-------|
| Identificação | |
| Entrevistada: | Data: |
| Local: | |

1. Idade: _____

2. Estado civil:

- Casada
- Solteira
- Viúva
- União Consensual
- Divorciada/Separada

3. Escolaridade:

- Analfabeta
- Alfabetizada
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior

4. Religião:

- Ateu
- Católicos
- Religiões Evangélicas Qual? _____
- Outras Qual? _____

5. Número de filhos: _____

6. Renda Individual (trabalho na lavanderia):

- Menos de 1 S. M.
- 1 a 3 S. M.
- 3 a 4 S. M.
- 5 a 10 S. M.
- mais de 10 S. M.

7. Renda Familiar:

- Menos de 1 S. M.
- 1 a 3 S. M.
- 3 a 4 S. M.
- 5 a 10 S. M.
- mais de 10 S. M.

8. Local onde reside:

9. Mora há quanto tempo no mesmo lugar?

10. É natural de Muriaé: Sim Não

11. Se não, você é de onde?

12. Por que se mudou para Muriaé?

13. A casa onde você mora é:

- Alugada
- Própria
- Emprestada
- Mora com os pais
- Mora com a sogra
- Outros: _____

14. Quantas pessoas moram em sua casa, incluindo você: _____

| Nome | Parentesco | Idade | Escolaridade | Ocupação | Renda |
|------|------------|-------|--------------|----------|-------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

15. Todos que trabalham e recebem uma remuneração contribuem com as despesas da casa?
16. Quem na sua casa mais contribui com as despesas familiares? Você, seu marido ou os dois? Por quê?
17. Você acha que Muriaé é uma cidade boa para se viver? Por quê?
18. Você frequenta algum grupo? (Clube, academia, igreja, grupo de oração, grupo de mulheres)?

Roteiro para entrevista semi-estruturada

- 1 Como você ficou sabendo da existência da lavanderia?
- 2 Há quanto tempo existe a lavanderia? Você sabe como foi sua implantação?
- 3 O que te levou a ingressar na lavanderia?
- 4 Há quanto tempo você trabalha na lavanderia?
- 5 Você já havia trabalhado em algum outro lugar antes?
- 6 Este é seu primeiro trabalho remunerado? Se não, quais outras atividades remuneradas você já desempenhou?
- 7 Você encontrou alguma dificuldade no decorrer do trabalho na lavanderia? Quais? Por quê?
- 8 Quais eram seus interesses, planos e projetos ao se inserir na lavanderia?
- 9 Você acredita que a lavanderia te ajudou de alguma forma? Como?
- 10 Você gosta do trabalho que realiza na lavanderia? Por quê?
- 11 Você considera que trabalhar é importante? Por quê?
- 12 Pretende permanecer neste trabalho, ou tem a intenção de ir para outra atividade? Se sim, qual?
- 13 Qual a sua função na lavanderia?
- 14 Quantas integrantes a lavanderia possui atualmente?
- 15 Como se dá o trabalho dentro da lavanderia?
- 16 Existe divisão das tarefas?
- 17 Quais os meios utilizados para que novas mulheres entrem na lavanderia?
- 18 A lavanderia oferece algum treinamento às novatas? E para vocês? Quais?
- 19 Quantas peças, em média, são lavadas por dia? E por mês? Como é contabilizado
- 20 Você gosta de trabalhar na ALASTE? Por quê?
- 21 Quais as vantagens de se trabalhar na ALASTE?

- 22 Existe ou já existiu algum incentivo por parte da prefeitura para que a lavanderia continuasse funcionando?
- 23 Entre as lavadeiras existe diálogo? Vocês possuem algum momento para conversar? Existe algum tipo de amizade entre vocês?
- 24 Existe solidariedade? Uma ajuda a outra?
- 25 Existe amizade entre as lavadeiras fora da ALASTE?
- 26 Nas tarefas realizadas em casa, quais são as atividades de sua responsabilidade?
- 27 Alguém lhe ajuda nas tarefas domésticas? Quem são essas pessoas?
- 28 Você acha que tarefas domésticas correspondem a um trabalho?
- 29 Quem realiza as tarefas da sua casa enquanto você está trabalhando?
- 30 Sua família apoia sua iniciativa de trabalhar na lavanderia? Por quê?
19. O que você pensa sobre as mulheres que trabalham e têm seu próprio dinheiro?
20. O que você pensa sobre as mulheres que não têm seu próprio dinheiro?
21. Normalmente, em que tipo de despesa você emprega o dinheiro que ganha com o seu trabalho?
22. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?